



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

# Coparentalidade em Situação de Divórcio: Regras, Rituais e Rotinas de Crianças em Idade Pré-Escolar e Escolar.

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano -

por

Inês de Carvalho Leitão

sob orientação de

Professora Doutora Elisa Veiga, Professora Doutora Lurdes Veríssimo e  
Professora Doutora Mariana Negrão

Faculdade de Educação e Psicologia  
Porto, Julho de 2014



## Agradecimentos

Aos meus pais, por terem estado sempre presentes em todos os momentos e nunca terem desistido de mim.

À Rute, Carolina e Tânia, pelos momentos de diversão que me proporcionaram nos momentos certos.

À Daniela e ao Miguel por nunca me terem deixado mesmo nos momentos mais difíceis.

À tia Paula, por todos os mimos que me fizeram sorrir e ter força para continuar.

À Cris, à Rosarinho, ao Hugo e ao Daniel por serem companheiros de uma jornada longa.

À Ana e à Joana por me permitirem acompanhá-las durante estes anos, por toda a força que me deram, e por fazerem com que estes anos valessem a pena.

À Carolina, Joana e Nuno por estarem ao meu lado em momentos de grande frustração e terem tornado tudo tão mais fácil.

À Professora Elisa Veiga por ter sempre as palavras certas e me ajudar a crescer durante este ano.

À Professora Lurdes Veríssimo, por ter sempre uma solução “à mão” mesmo nos momentos mais difíceis.

À Professora Mariana Negrão pela dedicação ao longo destes anos e especialmente nesta fase final.

A todos os colaboradores da Universidade Católica do Porto que ao longo destes anos permitiram que esta viagem se tornasse fácil. Em especial à Dona Zeza, Dona Teresa, Sr. Américo e Sr. Vítor.



## Resumo

O objetivo central do presente estudo é a compreensão da vivência da coparentalidade em situação de divórcio e ainda a compreensão das regras, rotinas e rituais de crianças em idade pré-escolar e escolar.

A presente investigação segue uma metodologia de índole qualitativa privilegiando a entrevista como método de recolha de dados. Foram entrevistados, tendo como base um guião, quatro pais e mães em situação de divórcio.

Concluiu-se que os pais e mães em situação de divórcio percecionam como importante a comunicação com o seu par parental acerca dos seus filhos ainda que não concretizem essa mesma comunicação. A comunicação existente entre os pais/mães e o seu par parental diz respeito a questões mais relacionadas com a gestão de vida dos filhos (e.g. ir ao médico, ir a uma festa de aniversário...etc.) e com a gestão de tempo passado com a mãe e com o pai. Concluiu-se ainda que os participantes do nosso estudo apresentam no seu discurso representações mais negativas do que positivas acerca do seu par parental. Por fim, foi possível ainda concluir que os participantes do nosso estudo percecionam na sua vivência da parentalidade inúmeros desafios e gratificações, sendo que os pais, apesar de passarem menos tempo com os seus filhos, apontam mais desafios na sua vivência do que as mães.

**Palavras-chave:** coparentalidade, divórcio, regras, rotinas, rituais



## Abstract

The central aim of this study is to understand the experience of co-parenting in divorce and also the understanding of the rules, routines and rituals of children in pre-school and school age.

This research follows a methodology of qualitative nature favoring the interview as a method of data collection. Were interviewed four fathers and mothers in divorce situation.

It was concluded that mothers and fathers in divorce situation perceive how important communication with the pair about parenting is, however they don't communicate. Existing communication between parents / mothers and their parental pair are related to management of children (e.g. go to the doctor, go to a birthday party ... etc..) And the management of time spent with the mother and the father. It was also found that participants in our study have more negative than positive representations about its parental pair. Finally, it was still possible to conclude that the participants in our study perceive on their experience of parenting numerous challenges and rewards.

**Keywords:** co-parenting, divorce, rules, routines, rituals



# Índice Geral

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>3</b>
1.1 A Família.....	3
1.2 Parentalidade.....	4
1.2.1 Coparentalidade.....	6
1.3 Divórcio .....	7
1.3.1 Coparentalidade em Situação de Divórcio .....	10
1.4 Regras, Rotinas e Rituais .....	10
<b>CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
2.1    Objetivos e Questões de Investigação.....	13
2.2    Participantes .....	14
2.3    Instrumentos .....	16
2.4    Procedimentos .....	16
2.4.1 Recolha de Dados.....	16
2.4.2 Análise de Dados .....	17
<b>CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ..</b>	<b>18</b>
3.1    Descrição do Sistema de Categorias .....	18
3.2    Respostas às Questões de Investigação.....	28
<b>CAPÍTULO 4: CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>



## Índice de Tabelas e Figuras

<b>Tabela 1:</b> Caracterização dos participantes	<b>Pág.15</b>
<b>Figura 1:</b> Representação do sistema de categorias de 1ª ordem	<b>Pág. 18</b>
<b>Tabela 2:</b> Participantes em relação à frequência de comunicação com o par parental	<b>Pág. 30</b>
<b>Tabela 3:</b> Participantes em relação ao meio de comunicação com o par parental	<b>Pág. 30</b>
<b>Tabela 4:</b> Participantes em relação à coerência na comunicação	<b>Pág. 32</b>
<b>Tabela 5:</b> Representações acerca do par parental	<b>Pág. 33</b>
<b>Tabela 6:</b> Participantes em relação com as regras das crianças	<b>Pág. 35</b>
<b>Tabela 7:</b> Intervenientes em relação aos momentos da rotina diária	<b>Pág. 36</b>
<b>Tabela 8:</b> Intervenientes em relação com as tarefas	<b>Pág. 37</b>
<b>Tabela 9:</b> Participantes em relação às gratificações na vivência da parentalidade	<b>Pág. 39</b>
<b>Tabela 10:</b> Participantes em relação aos desafios sentidos na vivência da parentalidade	<b>Pág. 40</b>



## **Índice de Anexos**

**Anexo 1:** Guião de Entrevista Semiestruturado

**Anexo 2:** Consentimento Informado





## INTRODUÇÃO

Torna-se pertinente e atual o estudo do divórcio e parentalidade, dado que, segundo os dados do INE (2011), em 2011, o número de divórcios em Portugal era de 74 por cada 100 casamentos, sendo que segundo a mesma fonte, em 2006 cerca de 71,3% dos casais que se divorciaram em 2000 tinham filhos do casamento dissolvido. O fenómeno do divórcio não deve ser visto como um evento único (Morgenbesser & Nehls, 1981), mas sim como um processo transitório com múltiplas mudanças, não só a nível individual mas também familiar (Hetherington, 1993). É exatamente por o divórcio não ser um processo único e individual, mas envolver múltiplas mudanças a nível familiar que o presente estudo privilegia estas mesmas dinâmicas familiares, envolvendo ambos os pais. O divórcio tem sido um fenómeno cada vez mais comum nos dias de hoje e que se torna mais complexo quando existem filhos pequenos, mesmo quando a situação de divórcio não atravessa questões litigiosas (Sousa, 2012).

Nos dias de hoje muitas mudanças ocorrem, e ocorrem cada vez mais rápido, estamos perante uma nova sociedade que necessita constantemente de se readaptar e essas mudanças também ocorrem nas famílias. Atualmente assistimos à destruturação do modelo tradicional de família, e no papel da própria família, que é cada vez mais conjugal, e não tão alargada, deparamos-nos também com as famílias monoparentais, reestruturadas e as que partilham a parentalidade (Guerra, 2005). O divórcio constitui-se, geralmente, como um momento de perda e sofrimento para a própria família, uma vez que a identidade familiar sofre drásticas transformações com esta perda (Sousa, 2012). Juntamente com este sentimento de perda e transformações na identidade familiar surgem outros relacionados com a separação dos bens e também dos outros membros que constituem a família: os filhos (Sousa, 2012).

No que diz respeito à coparentalidade no divórcio esta torna-se pertinente de ser alvo de estudo visto que, como já foi visto, o divórcio é um processo que envolve várias mudanças a todos os níveis e que têm interferência na própria família, dado que cada vez mais são os casais a divorciar-se e cada vez mais desses casais tinham filhos da relação dissolvida, coloca-se aqui a questão da parentalidade em simultâneo. A coparentalidade apresenta inúmeros desafios uma vez que é suposto que pai e mãe sejam de igual forma responsáveis pelos seus filhos agindo de igual forma perante as diversas situações de dia-a-dia dos mesmos (Sullerot, 1993).

Deste modo, o objetivo geral deste estudo prende-se com a compreensão da vivência da coparentalidade numa situação de divórcio, privilegiando a compreensão das regras, rotinas e rituais de crianças em idade pré-escolar e escolar. Num primeiro capítulo será apresentado um enquadramento teórico da temática em estudo começando pela abordagem sistémica da família, passando para uma perspetiva teórica acerca da parentalidade, posteriormente abordando as questões relacionadas com o divórcio e a dinâmica familiar em situação de divórcio, e por fim uma abordagem às regras, rotinas e rituais de crianças em idade pré-escolar e escolar, privilegiando sempre um olhar sobre a situação de divórcio.

Num segundo momento será apresentada a abordagem metodológica privilegiada no presente estudo tendo em conta o método de recolha de dados e respetivo instrumento, sendo também apresentados os objetivos e questões de investigação do mesmo.

Um terceiro momento diz respeito a toda a descrição, análise e discussão dos resultados obtidos durante o processo. Por fim um último momento refere-se às conclusões do estudo.

## CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1.1 A Família

Analisando a família sob uma perspetiva sistémica, não podemos ignorar o facto de este conceito de família se ter alterado ao longo dos anos surgindo cada vez mais novas conceções de família (Dias, 2011). A família constitui-se como um cenário que sofreu grandes alterações, imergindo agora diversas formas de família e organizações familiares: coabitação sem casamento, famílias divorciadas, recasadas, uniões de facto, uniões livres, homossexuais, crianças criadas por avós, etc. (Simonato, 2010). No entanto interessa-nos perceber a família tal e qual como ela é, dando de facto importância a todas estas novas organizações familiares.

A família constitui-se como um sistema onde se conjugam valores, crenças, conhecimentos e práticas (Elsen, 2002). Por esta razão, devemos olhar para cada família de forma individual, compreendendo a sua organização. Ainda segundo Elsen (2002) a família pode ser conceptualizada como uma unidade de pessoas em interação, um sistema semiaberto com a sua própria cultura. Considerando os estudos de Simionato (2010, p. 58), este considera que devemos entender a família como “um sistema inserido numa diversidade de contextos e constituído por pessoas que compartilham sentimentos e valores formando laços, solidariedade e reciprocidade, com especificidade e funcionamento próprio”.

Com estas transformações ao nível da estrutura familiar, a divisão de papéis foi também necessariamente sendo alterada (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005). Segundo Fleck e Wagner (2003) nos dias de hoje ainda existem famílias que seguem uma visão dos papéis tradicionais do homem e da mulher na família, no entanto existem também famílias que optam por uma visão de divisão de tarefas, onde o homem e a mulher assumem um papel ativo nas tarefas domésticas, educativas e financeiras.

Segundo a teoria do ciclo de vida como proposta por Relvas (1996), a família passa por cinco etapas de vida diferentes: i. “Formação do Casal”; ii. “Família com Filhos Pequenos”, iii. “Família com Filhos na Escola”; iv. “Família com Filhos Adolescentes” e v. “Família com Filhos Adultos”. O funcionamento familiar é, portanto, um sistema dinâmico e cada família tem o seu tempo e espaço próprios no que diz respeito à transição nas etapas (Eusébio, 2014).

A primeira etapa proposta pela autora: “Formação do Casal”, refere-se ao início do ciclo vital da família marcado pela formação do casal. Este início pressupõe o início da família e portanto um novo sistema com normas e padrões próprios. O casamento constitui-se como um marco para a transição de uma vida em família, sendo que esta relação sofre ainda alterações na transição para a parentalidade (Camarano, 2006).

A segunda etapa: “Família com Filhos Pequenos” é marcada pelo nascimento do primeiro filho, iniciando-se portanto uma nova fase de transição no ciclo vital da família. Nesta etapa a família passa obrigatoriamente por uma reorganização, sendo agora definidos os papéis parentais. Esta etapa é também marcada por uma redefinição de limites face ao exterior da família, abrindo-se esta não só à restante família, mas também à comunidade. Com o nascimento do primeiro filho a família passa agora a ter um espaço próprio para este, ocorrendo mudanças na própria dinâmica da família. Gera-se agora o subsistema parental e toda a orientação do sistema se resume à relação pais-filhos (Relvas, 1996).

A terceira etapa, como denominada por Relvas (1996) “Família com Filhos na Escola” é marcada pela entrada dos filhos na escola e esta constitui-se como uma mudança na relação com outros sistemas familiares, especialmente com a escola. Novos desafios são impostos à família nesta etapa, nomeadamente as competências relacionais da criança e o seu desempenho escolar. Os filhos passam agora a ganhar uma autonomia diferente, principalmente no que diz respeito às relações interpessoais. Surgem então novas tarefas familiares, principalmente o saber lidar com a separação e autonomia dos filhos.

A quarta etapa “Família com Filhos Adolescentes” é marcada pela necessidade de equilíbrio entre o individual, o familiar e o social. A família enfrenta nesta fase o desafio de preparar os adolescentes para a autonomia de forma a que estes consigam assumir mais tarde o papel de adultos. Nesta etapa existe uma preparação dos filhos para a saída do sistema familiar, preparando-os para o papel de adultos, desenvolvendo competências para que estes fiquem preparados para a saída (Relvas, 1996).

A quinta e última fase, denominada por Relvas (1996) como “Família com Filhos Adultos” refere-se à etapa na qual os filhos vão saindo de casa e à qual a autora designa por conceito de “ninho vazio”. Esta etapa inicia-se com a saída do primeiro filho e termina com a saída do último filho.

## 1.2 Parentalidade

A Parentalidade é um conceito relativamente recente, que reflete todo um processo de construção da interação pais e filhos (Zornig, 2010). Este processo tem vindo a ser descrito como a mais complexa tarefa da idade adulta (Bormstein, 1995) precisamente porque vai sofrendo alterações e vão surgindo novos desafios ao longo de todo o desenvolvimento da criança e do próprio desenvolvimento parental (Edwards & Liu, 2002; Collins, Madsen & Stillman, 2002). No entanto, a sociedade onde nos inserimos, apesar de oferecer uma variedade enorme de informação sobre ser pai e ser mãe como por exemplo “como cuidar do

seu bebê”, ou “como lidar com o seu filho adolescente” não oferece preparação e suporte adequados para esta complexa tarefa de ser pai/mãe, possivelmente porque a visão sobre o que é ser pai e ser mãe é variada e tem diferentes dimensões (Bornstein, 1995).

O nascimento de um bebê é um momento marcante e que traz diversas alterações ao nível familiar, a família sofre alterações na sua estrutura bem como nas suas rotinas. Esta nova fase trás aos novos pais alterações significativas: nas suas rotinas de sono, a sua alimentação, as horas/hábitos de trabalho e até mesmo o seu ciclo de amigos, tendo tendência para conviver mais com os amigos que se encontram na mesma situação (Bornstein, 1995). No entanto, à medida que a criança cresce, como já foi referido, as funções da parentalidade vão também sendo alteradas (Edwards, 1995).

Durante a primeira infância (18 meses – 2 anos) as mudanças são rápidas no que diz respeito ao crescimento e comportamento das crianças pequenas (Edwards, 1995). Esta é uma fase desenvolvimental que se distingue pelas reorganizações cognitivas e pela mudança das capacidades socio-emocionais e é essencialmente marcada como uma fase de problemas e aquisições, é portanto, novamente uma fase com novos desafios no que diz respeito à parentalidade (Edwards & Liu, 2002). A segunda infância (3 anos -7 anos) é marcada por novos desafios, não só consequentes das mudanças desenvolvimentais, mas também pelos novos desafios sociais que se apresentam. A partir dos 5 anos, a criança começa a determinar as suas próprias experiências, incluindo o seu contacto com outros significativos, melhorando significativamente a qualidade deste (Collins, Madsen & Stillman, 2002). Todas estas novas questões terão sem dúvida um forte peso na relação entre pais e filhos (Collins, Harris & Susman, 1995). Apesar de cada uma das fases desenvolvimentais ser característica, esta não são estáveis na sua dinâmica e alteram-se dependendo das características dos pais e dos filhos, esta dinâmica altera-se mesmo de filho para filho (Putman, Sanson & Rothbart 2002).

Sendo que temos vindo a dizer que o exercício da parentalidade é complexo e varia consoante as características das crianças e dos pais, fará sentido introduzir a teoria desenvolvida por Baumrind (1967, cit in. Cruz, 2013) que afirma que o comportamento das crianças está organizado sendo possível encontrar padrões conscientes, sendo que a partir destes padrões será possível identificar as práticas educativas parentais.

Segundo o estudo da mesma autora, foram identificados três padrões comportamentais: competente, inibido e imaturo. No que diz respeito às competentes, a autora afirma que estas crianças apresentam níveis elevados de autoconfiança, autocontrolo e satisfação com elas mesmas; sendo que, as inibidas apresentam-se como tendo contactos sociais pobres com os pares e como sendo mais tristes e descontentes com elas próprias; por fim, as crianças dentro do padrão comportamental designado de imaturas, caracterizam-se

por terem baixos níveis de confiança e autocontrole. Baumrind (1967, cit in. Cruz, 2013) completou ainda o seu estudo com entrevistas aos pais das crianças e observou quatro diferentes dimensões: exigências de maturidade intelectual e pessoal, colocadas à criança; controlo parental; clareza na comunicação; e expressão de afeto. A cada um dos três padrões comportamentais das crianças, a autora atribuiu três padrões educativos parentais: ao padrão de comportamento das crianças competentes correspondia um padrão educativo caracterizado por altos níveis de controlo e exigência, mas também, de encorajamento dos comportamentos positivos da criança e de demonstrações de afeto de pais para filhos e vice-versa, a este padrão a autora denominou de *autorizado*; no segundo padrão comportamental, designado de crianças inibidas, verificou-se que os pais também tinham um alto nível de controlo, mas no entanto, não tinham manifestações de afeto tão frequentes, este padrão educativo foi denominado pela autora como *autoritário*; por fim, o terceiro padrão comportamental, denominado de crianças imaturas, demonstra que os pais apresentavam baixos níveis de controlo e exigência, mas um nível moderado de demonstração de afeto para com os filhos, a este padrão educativo a autora apelidou de *permissivo*.

### 1.2.1 Coparentalidade

Interessa-nos também compreender de que forma é que a parentalidade é vivida em conjunto e nesse aspeto a teoria diz-nos que a coparentalidade pode ser definida como um termo conceptual que se refere à forma como as figuras parentais se relacionam no que diz respeito ao exercício da parentalidade. Esta acontece quando existem responsabilidades partilhadas relativamente a uma mesma criança, o que não quer dizer que estas responsabilidades estejam distribuídas por ambos os pais de igual forma, a divisão poderá variar de caso para caso, considerando o contexto social e cultural em que cada família se insere (Feinberg, 2003). Contudo poderá considerar-se que cada um dos pais assumirá um papel diferente na vida da criança como indica um estudo realizado por Lima, Serôdio e Cruz (2011) junto de 346 crianças (8-10 anos), com recurso à *Escala de Responsabilidade Parental*, para avaliar a perceção destas relativamente à forma como os pais assumem responsabilidade, verificou-se que as crianças consideram que a mãe assume mais responsabilidade na área do “cuidado” e “interesse” seguido do “apoio emocional e estimulação na escola” sendo que o pai, assume de igual forma mais responsabilidades na área do “cuidado” e “interesse embora seguindo-se do “apoio emocional e estimulação, a autoridade e disciplina na escola.

Ainda segundo outros autores que se dedicaram ao estudo do conceito da parentalidade, Lamela, Costa e Figueiredo (2008), a coparentalidade pode ser analisada de um ponto de vista representacional que se refere ao estudo das diferenças individuais. Esta componente representacional proposta pelos autores corresponde a um conjunto de regras cognitivas que organizam a informação relativas às experiências e transações coparentais, mais especificamente no que diz respeito ao seu comportamento, às suas emoções, o seu discurso e à sua relação com outros membros da família. Posto isto, os autores propõem que a coparentalidade não depende da presença física, ou seja, da convivência entre pai e mãe, visto que, cada um dos pais pode prejudicar ou cooperar na relação coparental, independentemente da sua presença física ou não, através da interação direta com os seus filhos, de onde poderão surgir comentários e observações acerca das práticas parentais do ex-cônjuge.

Maccoby, Buchanan, Mnooking e Dornbusch (1993), apresentam três estilos diferentes de coparentalidade: o primeiro, denominado “cooperativo” caracteriza-se pela comunicação frequente entre o casal divorciado sobre a(s) sua(s) criança(s), raramente existem discussões e existe um acordo de regras para ambas as casas onde a criança mora; o segundo estilo coparental caracteriza-se pela comunicação frequente, mas hostil, entre o casal divorciado, normalmente existem discussões e, em alguns casos existe a tentativa de sabotar as visitas da criança à sua outra casa; o terceiro estilo parental é denominado como “desligamento” ou “retirada”, este é caracterizado, não pelo “desligamento” por parte dos pais relativamente à criança, mas sim entre o casal divorciado, mesmo que a criança passe o mesmo tempo em cada uma das casas, o casal raramente comunica, segundo os autores, este estilo verifica-se mais quando as crianças são mais velhas. Os autores assumem que isto acontece devido ao facto de as crianças mais velhas já serem capazes de organizar as visitas e passar as mensagens necessárias aos pais autonomamente, isso faz com que não haja necessidade de os pais comunicarem entre si.

### 1.3 Divórcio

Todas as famílias ao longo do seu ciclo passam por transições, transições essas que poderão trazer a família inúmeros desafios e problemas que podem ser normativos ou imprevisíveis. Estas transições poderão constituir-se como um fator de *stress* familiar (Eusébio, 2014). No presente estudo damos ênfase a uma estrutura familiar diferente da tradicional, neste caso, famílias que passaram por uma situação de divórcio, neste sentido e introduzindo a temática do divórcio é importante referir que este é um evento não deve ser

visto com um evento único (Morgenbesser & Nehls, 1981), mas sim como um processo transitório com múltiplas mudanças, a nível individual e familiar (Hetherington, 1993). As crianças envolvidas num processo de divórcio, por vezes, já experienciaram sentimentos negativos relativamente à vivência familiar, sendo que anteriormente ao processo de divórcio já ocorreram diversos momentos de desentendimento e conflito entre os pais (Morgenbesser & Nehls, 1981). A maior parte dos casais divorciados com crianças continuam a partilhar a parentalidade, para estes pais o problema assenta em como coordenar a vida da criança de acordo com o bem-estar desta. (Maccoby, Buchanan, Mnooking & Dornbusch, 1993).

O divórcio constitui-se como um momento de perda, momento esse que terá influência na estrutura e identidade familiar (Sousa, 2012). Segundo Sousa (2012) o divórcio passa classicamente por seis fases: uma primeira fase denominada “Arrefecimento do Amor” que diz respeito ao distanciamento do casal acabando por se traduzir numa diminuição da comunicação entre os dois e consequentemente das vivências conjuntas, esta fase é caracterizada por pensamentos tais como: “Onde é que eu falhei?” ou “E se eu tivesse sido melhor dona de casa?”; uma segunda fase, denominada “Afastamento” é caracterizada por um afastamento físico traduzindo-se em comportamentos como: dormir no sofá ou dormir no quarto das crianças; a terceira fase, denominada “Separação” é marcada pela saída de casa de um dos conjugues; a quarta fase: “Saída do Lar” é marcada pela retirada dos objetos pessoais da casa onde coabitavam e ainda pela comunicação da separação à restante família, nomeadamente aos filhos; a quinta fase denomina-se “Assumir o papel de divorciado”, na qual se inicia uma nova vida ausente de obrigações conjugais; por fim, a sexta fase refere-se à “Legalização do divórcio” que tal como o nome indica refere-se à confirmação jurídica decidindo a separação dos bens.

Ainda segundo outra perspetiva, Nazareth (2004) afirma que a separação passa por três fases distintas, sendo elas: *fase aguda*, *fase transitória* e *fase de ajuste*. A primeira, *fase aguda*, refere-se à fase prévia à situação de divórcio na qual existe insatisfação perante o conjugue, sendo uma fase marcada por sentimentos ambivalentes e insegurança. A segunda, *fase transitória*, diz respeito à separação em concreto, fase na qual se reajustam papeis familiares e que existe um grande esforço de todos os membros. A terceira e última fase, *fase de ajuste*, diz respeito ao recomeço de uma nova vida e ao desaparecimento de mágoas passadas na relação e ainda à criação de novos projetos de vida.

Um estudo realizado por Amato (2001) sobre as consequências do divórcio em adultos e crianças, conclui que, as crianças que vivem numa situação de divórcio, em comparação com crianças que não experienciam essa situação e não têm nenhum tipo de ambiente familiar conflituoso, tem uma maior tendência para exteriorizar comportamentos problemáticos (e.g. comportamento antissocial, agressão.), mas também para os interiorizar

(e.g. ansiedade, depressão) e apresentam também uma menor capacidade no que diz respeito às competências sociais. Apesar dos estudos referirem padrões de comportamentos das crianças que se encontram numa situação de divórcio, existe uma grande diversidade nas respostas das crianças ao conflito existente entre os pais e à situação de divórcio. Estas respostas irão depender das experiências anteriores e posteriores das crianças nesta situação (e.g. existência de novo cônjuge; características da criança, suporte da família alargada, funcionamento familiar) (Hetherington, 2010).

Ainda segundo um outro estudo longitudinal *Stanford Custody Project* (Maccoby, Buchanan, Mnooking & Dornbush, 1993) que decorreu durante um período quatro anos (1984-1988) no qual foram recolhidos dados junto de 1,100 famílias com 1,386 crianças, sendo que 92 famílias partilhavam a parentalidade conclui que quatro anos após o divórcio, os adolescentes que viviam em ambas as casas, pai e mãe, demonstraram melhores resultados a nível académico, emocional e psicológico do que os adolescentes que viviam apenas numa das casas. Contudo, em ambos os tipos de famílias as crianças apresentavam níveis de stress, ansiedade e depressão maiores quando existiam discrepâncias maiores entre os estilos parentais, ainda assim o impacto sentido era maior nas crianças que viviam com apenas um dos pais (Maccoby, Buchanan, Mnooking & Dornbush, 1993). Um dos problemas mais complexos ligados à família, parentalidade e sistema judicial é definir o tipo de parentalidade que é mais benéfico para a criança depois do divórcio. Levanta-se uma questão central no que diz respeito ao bem-estar da criança e ao interesse dos pais: Quanto tempo deverá a criança passar com cada um dos pais? (Nielsen, 2011).

O divórcio, como momento de sofrimento para a família, torna-se ainda mais complexo na presença de filhos pequenos do ex-casal (Sousa, 2012). Tipicamente os pais não priorizam os sentimentos dos filhos numa situação de divórcio nem comunicam previamente acerca da forma como vão agir perante a situação de divórcio, tentando envolver as crianças o mínimo possível. Idealmente devia haver comunicação entre ambos no sentido de a criança passar o maior tempo possível com ambos, combinando em que situações os filhos deverão ser acompanhados pelos dois (e.g. situação de doença, festas de aniversário, etc.) (Sousa, 2012). Ainda segundo Sousa (2012), as crianças passam por momentos de maior sofrimento em momentos de disputa entre o país do que propriamente com a situação de divórcio.

Normalmente nas situações de divórcio presenciamos conflitos e questões emocionais que não estão tão bem resolvidas, sendo que estas poderão dar origem a representações negativas do ex-cônjuge tais como raiva, desilusão e até sentimentos de vingança (Sousa, 2010). No entanto podemos também presenciar situações adaptativas e favoráveis onde o ex-casal compreende e define bem os novos papéis e a nova organização de família (Sousa, 2010).

Segundo vários autores é importante refletir acerca da parentalidade numa situação de divórcio. Carter & McGoldrick (2001) afirmam que após uma situação de divórcio podemos observar diferenças significativas na forma como a parentalidade é vivida, comparativamente à vivência da mesma antes da situação de divórcio. Os mesmos autores afirmam ainda que há alterações em toda a rotina familiar e surgem também novos desafios, principalmente no que diz respeito ao acompanhamento conjunto do desenvolvimento dos filhos uma vez que isso implica que haja contacto com o par parental.

Grybowski (2007) afirma que uma das maiores dificuldades é separar a conjugalidade da parentalidade após uma situação de divórcio, uma vez que apesar de assistirmos à separação de um casal, o mesmo não se aplica à parentalidade, não deixa de existir um pai e uma mãe.

### 1.3.1 Coparentalidade em Situação de Divórcio

A coparentalidade em situação de divórcio depende de vários fatores, como é concluído por um estudo de Grzybowski e Wagner (2010). Este estudo, realizado com 13 indivíduos divorciados com filhos acerca da forma como estes experienciam a coparentalidade, conclui que existem duas questões que marcam profundamente o exercício da coparentalidade pós-divórcio: a relação conjugal anterior e os vínculos emocionais entre pais e filhos. Ainda segundo as mesmas autoras, no exercício da coparentalidade, o facto de os filhos residirem com um dos pais, tem como consequência que o pai/mãe residente com o filho tenha mais práticas educativas individuais do que aquele que não reside na mesma casa, por terem um envolvimento parental mais direto naquilo que são as tarefas diárias envolventes fruto do exercício da parentalidade, ainda que esta coabitação não seja totalmente positiva, uma vez que traz uma sobrecarga na educação dos filhos o que se poderá traduzir num maior *stress* parental (Grzybowski & Wagner, 2010). O mesmo estudo conclui ainda que questões como acordos financeiros, regulação das visitas, práticas educativas, são influenciadas por três variáveis: coabitação, conjugalidade, vínculos pais-filhos.

### 1.4 Regras, Rotinas e Rituais

Por fim, interessa-nos rever o que a teoria nos transmite acerca das regras, rotinas e rituais destas crianças. Por esta razão, em primeiro lugar será importante fazer uma distinção entre os conceitos *Regra*, *Ritual* e *Rotina*. Estes três conceitos poderão ser diferenciados à luz de três dimensões: comunicação, compromisso e continuidade. No que diz respeito às rotinas a comunicação é normalmente direta e instrumental, sendo que o intuito é que algo

seja cumprido como por exemplo “é a tua vez de lavar a louça”; o compromisso está ligado a tarefas em si que não são pensadas depois de ocorrerem, no que diz respeito à continuidade, esta refere a acontecimentos que se repetem no mesmo momento, como por exemplo: todos os dias dá um beijo à mãe antes de ir para a escola. Relativamente aos rituais, no que diz respeito à comunicação esta é simbólica e está relacionada com o facto de se usarem *nicknames* quando se referem a um membro da família que têm um significado próprio dentro da própria família; o compromisso é, neste caso, afetivo e emocional, está relacionado com laços afetivos e emocionais que transmitem à família um sentido de pertença ao grupo; por último, os rituais marcam-se pela continuidade em situações como ter sempre a mesma hora de jantar ou usar receitas específicas que passam de geração em geração (Fiese, Foley & Spagnola, 2006).

Não há dúvidas que as famílias se confrontam com diversas exigências, os rituais e rotinas contribuem para a construção de relações mais próximas e contribuem para a socialização da criança. Estas atividades vão decrescendo à medida que a criança cresce, mas não desaparecem quando estas se tornam adolescentes (Fiese & Parke, 2002). No caso das crianças pequenas, estas demonstram uma baixa capacidade no que diz respeito ao planejar, as crianças pequenas necessitam de aprender a organizar as sequências das ações, integrá-las e planeá-las e antecipar os pormenores das mesmas, no entanto, os adultos devem funcionar como que a “memória” da criança e ajudá-la nessa tarefa, antecipando as ações, por exemplo, quando a criança entra no carro, lembrar a criança para o plano daquela manhã – “agora vamos a casa da avó e depois disso vamos todos dar um passeio pelo parque!” (Maccoby, 1980). Tendo isto em conta, Maccoby (1980) afirma que as crianças pequenas devem ser lembradas das suas rotinas de higiene diária como lavar os dentes, ir a casa de banho antes de ir dormir, lavar as mãos antes de ir para a mesa ou preparar para ir para a cama, enquanto que crianças mais velhas necessitam desta “memória” menos vezes no que diz respeito às rotinas diárias, mas ainda necessitam de ajuda com as atividades que não ocorrem todos os dias como rotina (e.g. alimentar um animal novo, por o alarme a despertar, etc). Durante a primeira infância, as crianças começam a ser mais ativas no dia-a-dia da família, em pequenas tarefas. As rotinas e rituais familiares proporcionam uma estrutura que guia o comportamento e o clima emocional da família, que por sua vez irá ser um bom suporte para o desenvolvimento na infância. Este suporte irá ter influência a nível socioemocional, na linguagem, a nível académico e no desenvolvimento de competências sociais (Spagnola & Fiese, 2007). Rotinas para dormir, comer e brincar regulares, predizíveis e antecipadas têm uma grande importância na gestão de comportamentos impulsivos das crianças, de certo modo, uma boa estrutura externa é um grande suporte para uma boa estrutura interna, ou seja, os pais devem ter em atenção que as crianças pequenas ainda não

são capazes de estabelecer rotinas, dando suporte a essa tarefa e mais tarde monitorizá-la (Maccoby, 1980).

No que diz respeito aos rituais, estes são definidos por Wolin e Bennett (1984) como uma forma simbólica de comunicação que, devido à experiência de satisfação que traz aos membros da família acaba por ser repetida e permanece de forma sistemática. No caso de famílias nas quais está presente uma situação de divórcio não será bem assim. Num estudo realizado por Pett, Lang e Gander (1992) onde participaram 73 mulheres e 42 homens residentes em Utah, Estados Unidos da América, em situação de divórcio e respetivos filhos, concluiu que os participantes referiram a perda de união e tradições familiares e a problemática de conseguirem conviver com ambos os pais num mesmo momento como os pontos mais negativos do divórcio. Os mesmos participantes referiram também que a hostilidade existente na relação dos pais afetou significativamente a relação entre pais e filhos e ainda a relação netos e avós. Relativamente às celebrações da família, quando questionados acerca de quais os rituais que foram mais afetados pelo divórcio, os participantes responderam que o Natal, o Dia de Ação de Graças, os aniversários, as férias e o contacto familiar diário foram os mais afetados pela situação de divórcio. Para concluir, foi questionada a razão pela qual estes rituais foram afetados, ao que os participantes responderam que terá sido pela perda do envolvimento parental nestes momentos (Pett, Lang & Gander, 1992). Ainda neste mesmo estudo realizado por Pett, Lang e Gander (1992) foi possível concluir que momentos como o jantar em família teria sido afetado pela “falta do pai à cabeceira da mesa”.

## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

### **2.1 Objetivos e Questões de Investigação**

O objetivo geral do presente estudo compreender a vivência da coparentalidade em situação de divórcio, tendo em conta as regras, rotinas e rituais de crianças em idade pré-escolar e escolar, teve por base os seguintes objetivos específicos:

- i. Descrição e compreensão acerca da vivência da parentalidade em situação de divórcio;
- ii. Compreender a relação coparental numa situação de divórcio;
- iii. Descrever as estratégias utilizadas na educação (regras/rotinas) dos filhos em situação de divórcio;
- iv. Descrever os rituais familiares numa situação de divórcio;
- v. Compreender as gratificações inerentes ao papel de pai/mãe em situação de divórcio;
- vi. Compreender os desafios inerentes ao papel de pai/mãe numa situação de divórcio;

Tendo em conta os objetivos específicos delineados emergiram as seguintes questões de investigação:

- i. Como é que os pais experienciam a coparentalidade numa situação de divórcio?
- ii. De que forma os indivíduos percecionam a relação coparental?
- iii. Como é que os pais numa situação de pós-divórcio, gerem as regras e rotinas e dos seus filhos?
- iv. Quais os rituais familiares existentes após uma situação de divórcio?
- v. Quais são as gratificações sentidas na vivência da parentalidade em situação de divórcio?
- vi. Quais são os desafios sentidos na vivência da parentalidade em situação de divórcio?

Com o objetivo de compreender a vivência da parentalidade numa situação de divórcio, o presente estudo segue uma metodologia de índole qualitativa. Tendo em conta o objetivo de compreender a perspectiva da vivência da coparentalidade na situação de divórcio, a metodologia qualitativa assume um papel de priorização da experiência do indivíduo no contexto onde se insere, valorizando a sua experiência subjetiva, respeitando a sua perspectiva sobre a sua realidade (Almeida & Freire, 2003). Neste sentido, uma metodologia de carácter qualitativo permite-nos compreender os fenómenos recorrendo aos discursos diretos dos participantes, permitindo assim uma descrição e interpretação complexa dos mesmos (Creswell, 2012). Neste sentido, a recolha de dados surgiu com recurso à entrevista semiestruturada. A escolha do método de recolha de dados prende-se com a oportunidade que este oferece de interação com o indivíduo e da valorização da palavra, atribuição de significado e perceção do mesmo relativamente a um determinado fenómeno. (Flick, 2009). A entrevista semiestruturada permite ao investigador capturar uma imagem completa da realidade do fenómeno através das crenças e perspectivas dos participantes. Este instrumento permite ainda ao investigador muito mais flexibilidade do que se este utilizar um instrumento mais estruturado, é permitido que surjam diferentes perguntas ao longo da entrevista de modo a facilitar a compreensão exata do fenómeno tendo em conta os objetivos do estudo em questão (Smith & Van Langenhove, 1995). Por esta razão, a entrevista semiestruturada constitui-se como uma opção coerente na compreensão da vivência da parentalidade em situação de divórcio, uma vez esta nos permite, nesta abordagem metodológica, qualitativa, compreender a realidade humana que se torna acessível através dos discursos dos participantes (Fraser, & Gondim, 2004) e ainda permite adequar as questões colocadas no momento de entrevista indo de encontro aos objetivos do estudo.

## **2.2 Participantes**

Fazendo cumprir o objetivo geral do presente estudo, este concretizou-se com uma amostra intencional de quatro participantes em situação de divórcio com filhos com idades compreendidas entre os três e os nove anos que se encontram a frequentar o ensino pré-escolar ou escolar, considerando que estes serão os melhores informantes acerca do fenómeno do presente estudo. A opção por estes participantes, bons informantes, permite-nos compreender o fenómeno sem o desfragmentar nem descontextualizar (Almeida & Freire, 2003). O processo de amostragem segue uma vertente intencional e não-probabilística, sendo que os participantes foram intencionalmente escolhidos, não havendo uma probabilidade igual

para todos os sujeitos da população de participarem no presente estudo (Almeida & Freire, 2003).

Foram feitos os contactos necessários para que fosse possível chegar ao contacto com os participantes do presente estudo.

Os participantes em questão foram contactados via correio eletrónico, sendo explicado os objetivos dos estudo e todo o processo de recolha dos dados e sendo ainda feita a proposta de participação no presente estudo. Após a disponibilização para participação, foi decidido a hora e local mais conveniente ao participante para a realização da entrevista.

Os participantes do presente estudo são dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. Todos os participantes são residentes na área metropolitana do Grande Porto. Um dos participantes têm apenas um filho, sendo que três têm dois ou mais filhos. Um dos participantes tem idade compreendida entre os 25 e os 35 anos, sendo que os restantes três têm idades compreendidas entre os 35-45 anos. Três dos participantes estão atualmente divorciados e um está atualmente recasado. Podemos ainda concluir que três dos participantes deste estudo têm filhos em idade escolar, sendo que apenas um dos participantes têm filhos em idade pré-escolar.

A fim de melhor caracterizar os participantes do presente estudo apresentamos uma tabela fazendo referência à caracterização sociodemográfica.

Tabela 1: Caracterização dos Participantes

<b>Identificação</b>	<b>Participante 1</b>	<b>Participante 2</b>	<b>Participante 3</b>	<b>Participante 4</b>
<b>Idade</b>	27	38	44	42
<b>Sexo</b>	M	F	M	F
<b>Nº de Filhos</b>	1	2	3	2
<b>Idade Filhos</b>	5 anos	9 anos e 11 anos	6 anos, 11 anos e 13 anos	5 anos e 9 anos
<b>Período de Divórcio</b>	6 meses	9 anos	2 anos	7 anos
<b>Agregado Familiar</b>	Avó	2 Filhos	Filha mais velha	2 Filhos e Marido
<b>Profissão</b>	Empregado de Mesa	Assessora de Advogados	Professor	Secretária

## **2.3 Instrumentos**

Como já foi referido anteriormente, de modo a ir de encontro aos objetivos do estudo, privilegiamos a entrevista semiestruturada para a recolha de dados. A entrevista semiestruturada combina perguntas abertas com perguntas fechadas, nas quais o informante têm a oportunidade de descrever o fenómeno, desenvolvendo livremente a sua resposta. Esta permite ainda, no decorrer da entrevista adicionar questões às questões previamente definidas de modo a obter as informações necessárias que darão resposta ao objetivo do estudo (Boni & Quaresma, 2005).

As questões previamente definidas fazem parte de um guião de entrevista semiestruturada construído, neste caso, pela investigadora.

Este instrumento orientou a condução da entrevista e está subdividido em 3 componentes principais: ***Vivência da Parentalidade numa Situação de Divórcio***, com o objetivo de compreender as principais dificuldades/desafios bem como as principais gratificações; ***Relação Coparental***, com o objetivo de compreender a comunicação relativa aos filhos, a cooperação e o comprometimento coparental e por fim ***Regras, Rotinas e Rituais***, a fim de compreender estratégias adotadas em conjunto para regras e rotinas das crianças e ainda a compreensão da vivência dos rituais familiares numa situação de divórcio (Anexo 1).

## **2.4 Procedimentos**

### **2.4.1 Recolha de Dados**

O processo de recolha de dados iniciou-se com o contacto dos participantes via correio eletrónico e posteriormente definido a data e local mais conveniente a cada um dos participantes. Após a definição da data e local, foi necessária a deslocação ao local onde a entrevista iria ser realizada, na sua maioria foi o local de trabalho dos participantes e a universidade católica do porto.

O processo iniciou-se com a breve explicação do processo de recolha de dados, formalizando a participação com a assinatura de um consentimento informado (Anexo 2) fazendo cumprir todas as normas éticas e de confidencialidade. As entrevistas foram gravadas em áudio com a devida autorização dos participantes. Cada entrevista teve a duração média de 30 minutos.

#### 2.4.2 Análise de Dados

Como já referido, este estudo tem por base uma metodologia de índole qualitativa. Neste sentido realizou-se uma análise de conteúdo de carácter indutivo com recurso ao *software* Nvivo 9.0. Cada uma das entrevistas passou por um processo de transcrição e posteriormente de leitura flutuante, de modo a identificar temas que permitiram a criação de um sistema de categorias. A codificação constitui-se como um processo de transformação dos dados brutos do texto consistindo em: recorte, agregação e enumeração. Este tratamento dos dados permite atingir uma representação do seu conteúdo, esclarecendo o investigador acerca das características do texto (Bardin, 2010)



### 3.1 Descrição do Sistema de Categorias

O processo de análise dos nossos dados conduziu ao desenvolvimento de um sistema de categorias, constituindo-se este como um resultado do nosso estudo. Todas as categorias de primeira ordem serão representadas com letra **negrito**, as categorias de segunda ordem serão representadas por letra ***itálico e negrito***, por sua vez as categorias de terceira ordem aparecerão representadas pela letra ***itálico, negrito e sublinhado***, por último, as categorias de quarta ordem serão representadas através da letra ***itálico e sublinhado***.

A *figura 1* permite-nos ter uma visão mais geral daquilo que são as categorias de primeira ordem do sistema de categorias criado.

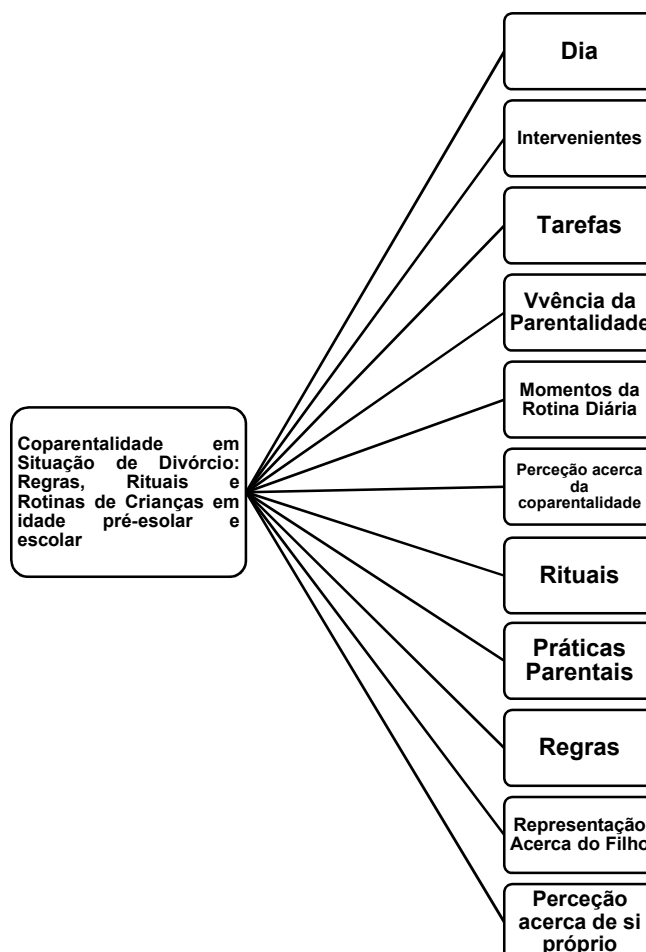


Figura 1: Representação do sistema de categorias 1ª ordem

O sistema de categorias que emerge da análise dos dados é constituído por 11 categorias de primeira ordem nomeadamente: **Dia (1)**, **Intervenientes (2)**, **Momentos da Rotina Diária (3)**, **Perceção acerca da Coparentalidade (4)**, **Perceção acerca de Si Próprio (5)**, **Práticas Parentais (6)**, **Regras (7)**, **Representações acerca do Filho (8)**, **Rituais (9)**, **Tarefas (10)** e **Vivência da Parentalidade (11)**.

Para uma melhor compreensão de cada uma das categorias, será feita uma descrição pormenorizada de cada uma delas recorrendo ao discurso direto dos participantes.

### **Dia (1)**

Será para nós, enquanto investigadores, compreender como é passado um dia em família numa situação de divórcio, uma vez que este dia nos dará pistas mais claras para aquilo que são as rotinas, rituais e regras da família.

Desta primeira categoria de primeira ordem surgiram quatro categorias de segunda ordem nomeadamente: **Dia de Férias (1.1)**, **Dia típico (1.2)**, **Dia típico pré-divórcio (1.3)** e **Sábado/Domingo (1.4)**. Esta categoria surgiu com o objetivo de descrever um dia da vida da família sendo que este dia se poderá referir a um **dia de férias (1.1)** .... um dia típico da semana NO MOMENTO ATUAL, um dia típico da semana antes da situação de PRÉ divórcio e um dia de fim-de-semana.

A categoria de segunda ordem - **Dia de Férias (1.1)** - refere-se a momentos vividos pela família em dias de férias, momentos esses posteriores à situação de divórcio. *[É assim, normalmente ele passa duas semanas comigo e duas semanas com a mãe. Normalmente ele vai para o trabalho da mãe, e depois entretanto eu vou lá busca-lo quando saio do trabalho. (P1)].*

No que diz respeito à categoria de segunda ordem - **Dia típico (1.2)** -, esta refere-se a momentos vividos pela família num dia típico da semana no momento actual. *[Acordam muito cedo, convém frisar... cedo e depois é o terror completo...há alegria em casa. E estão bem-dispostos, vestir, arranjar, tomar o pequeno-almoço e escola. Ao fim do dia vou busca-los e pronto. Tomar banho, jantar ... um desporto qualquer ou o que eles quiserem... atividades. (P4)].*

A categoria de segunda ordem - **Dia Típico Pré-divórcio (1.3)** - tem como objetivo descrever um dia típico da vida da família antes da situação de divórcio. *[Era diferente,*

era...Não lhe dava tanta atenção como lhe dou agora. Estava mais tempo a ver televisão ou no computador ou ... Não dava mais atenção a ele. Ele também ficava no quarto a brincar com as coisinhas dele e eu tava na sala. Não tava com muita atenção a ele. Neste momento, daquilo que eu tenho visto, daquilo que eu tenho estado a fazer...Nestes últimos 5 anos...ahmm.... (P1)].

Por fim, a categoria de segunda ordem – **Sábado/Domingo (1.4)** – refere-se a descrições de dias de fim-de-semana vividos pela família no momento atual. *[Ao fim-de-semana levantamo-nos mais tarde. Acordamos mais tarde, se bem que o mais novo acorde muito cedo. Mas estamos mais por casa, por ali, ou então vamos fazer qualquer coisa, ou um programa que eles gostem, ou passear ou qualquer coisa. Depois as coisas normais, vamos às compras e o que é preciso. Depois almoçamos por casa. E à tarde ou eles tem festas ou programas, atividades ou isso, ou então fazemos qualquer coisa. Depois vamos para casa e jogamos um jogo. Depois jantar...Vemos um filme às vezes. (P2)].*

## **Intervenientes (2)**

Esta categoria permite-nos identificar os intervenientes que estão presentes nos vários momentos da vida da família. Desta categoria de primeira ordem surgiram mais oito categorias de segunda ordem nomeadamente: **Mãe (2.1)**, **Pai (2.2)**, **Padrasto (2.3)**, **Criança (2.4)**, **Irmãos (2.5)**, **Avós Paternos (2.6)**, **Avós Maternos (2.7)** e **Primos (2.8)**.

## **Momentos da Rotina Diária (3)**

Esta categoria descreve momentos específicos da rotina diária da vida da família nomeadamente: **Acordar (3.1)** *[Quando estou com eles, por exemplo ao fim de semana, normalmente levantamo-nos mais tarde, eles gostam de ficar a dormir até tarde (P3)],* **Pequeno-Almoço (3.2)** *[tomam o pequeno-almoço com calma, fazem as coisas mas sem stress (P3)],* **Ida para a Escola (3.3)**, **Manhã (3.4)**, **Almoço (3.5)**, **Atividades Extracurriculares (3.6)** *[depois eles têm futebol ou têm sala de estudo ou têm atividades (P2)],* **Jantar (3.7)** *[a parte do jantar. Eles querem sempre ajudar (P4)]* e **Deitar (3.8)**.

## **Percepção acerca da Coparentalidade (4)**

Esta categoria de primeira ordem pretende descrever as dificuldades, estratégias, resolução de problemas e comunicação na relação com o par parental. Desta categoria de primeira ordem surgiram mais três de segunda ordem: **Comunicação (4.1)**, **Coerência (4.2)** e **Percepção acerca do Par Parental (4.3)**.

A categoria - **Comunicação (4.1)** - surgiu pois surgem descrições acerca da comunicação com o par parental dos participantes. Desta categoria de segunda ordem emergiram: **Frequência da Comunicação (4.1.1)**, **Meio de Comunicação (4.1.2)**, **Valorização da Comunicação (4.1.3)**, **Percepção de Qualidade (4.1.4)** e **Motivo da Comunicação (4.1.5)**.

A categoria de terceira ordem - **Frequência da Comunicação (4.1.1)** - pretende caracterizar a frequência de comunicação com o par parental segundo a sua perspetiva. Sendo assim, desta categoria surgiram mais quatro categorias de quarta ordem: **Poucas Vezes (4.1.1.1)** [*hmm. Poucas, falo poucas vezes com ela. 2, 3 vezes para aí (P1)*], **Inexistência de Contacto (4.1.1.2)** [*Eu com ele? Hmm, não contacto. Só se houver qualquer coisa e é por mensagem. (P2)*], **Uma ou duas vezes por semana (4.1.1.3)** [*Duas vezes por semana ou uma.... Depende... (P3)*] e **Todos os dias (4.1.1.4)** [*Quase todos os dias, trabalho também com ele por isso quase todos os dias. (P4)*].

A categoria - **Meio de Comunicação (4.1.2)** - surgiu com o objetivo de caracterizar o meio de comunicação utilizados pelo participante e pelo par parental. Desta categoria surgiram mais quatro categorias de quarta ordem: **Telefone (4.1.2.1)** [*Mas mesmo que não esteja no trabalho pelo telefone, falamos sempre todos os dias. (P4)*], **Pessoalmente (4.1.2.2)** [*trabalho também com ele por isso quase todos os dias. Mas mesmo que não esteja no trabalho pelo telefone, falamos sempre todos os dias. (P4)*], **Correio Eletrónico (4.1.2.3)** [*O contacto é sempre feito por correio eletrónico (P3)*] e **SMS (4.1.2.3)** [*Exatamente, com ela só falo mesmo por mensagem (P1)*].

A categoria de terceira ordem - **Valorização da Comunicação (4.1.3)** - refere-se a descrições dos participantes acerca da forma como estes valorizam a comunicação com o par parental. [*Não! Eu acho que é importante, é importante falar sobre a parentalidade. (P2)*].

**Percepção de Qualidade (4.1.4)**, categoria de terceira ordem, surgiu com o objetivo de descrever a forma como os participantes percebem a qualidade da comunicação com o seu par parental. Desta categoria emergem as seguintes: **Há muitas coisas a melhorar (4.1.4.1)** [*Eu acho que ainda há coisas muito a melhorar. (P1)*].

A categoria - **Motivo da Comunicação** (4.1.5) - refere-se ao motivo que leva o participante a comunicar com o par parental. Desta categoria de terceira ordem surgiram mais quatro categorias de quarta ordem: **Comportamento da criança** (4.1.5.1) [*fala de maneira diferente comigo e de outra maneira com a mãe. Por exemplo, hmm, tem-me mais respeito...não sei, por ser pai... hmm, eu já falei sobre isso. Já há muito tempo que falei sobre isso com ela. (P1)*], **Desenvolvimento da Criança** (4.1.5.2) [*O desenvolvimento da R. Se ela está bem se não está. Como é que ela está. (P4)*], **Gestão de vida dos filhos** (4.1.5.3) [*Olha, eles têm uma festa este fim-de-semana e eles estão comigo... podem ir? O P. tem isto ou a A. tem aquilo....ou eu comunico que a A. foi ao centro de saúde ou não sei quê....Tudo que tem a ver com a gestão...(P3)*] e **Períodos de Tempo com o Pai e com a Mãe** (4.1.5.4) [*Há para combinar que ele vem cá e quer estar com eles, perguntar a que horas é que os vem buscar e a que horas é que os leva...Mas depois não há mais...(P2)*].

A categoria de segunda ordem - **Coerência** (4.2) - surgiu com o objetivo de caracterizar a comunicação relativa à coerência na educação com o par parental. Desta categoria surgiram mais cinco categorias de terceira ordem: **Ausência** (4.2.1) [*Nada, não há nenhuma estratégia comum, não há comunicação. Há troca de informação (P2)*], **Castigos** (4.2.2) [*Em termos de castigos, pronto, para ela perceber que não..o facto de ir para o pai não quebra o que tem aqui ... prontos é igual. Em relação à abertura é igual. Tanto o pai como a mãe podemos fazer o que podemos ou não por ela. (P4)*], **Educação** (4.2.3) [*Quer dizer, normalmente a gente fala sobre isso. O que é que ele faz, o que é que não faz, as reações dele. O que é que ele tem feito. Hmmm, a gente tenta agir principalmente por causa da educação dele. Para comigo não estar a levar uma educação e com ela estar a levar outra. (P1)*], **Escola** (4.2.4) [*Sim. Quando há algum tipo de problema com a R., por exemplo, quando ela baixa um bocadinho aas notas, nós arranjamos uma estratégia para estarmos os dois em conjunto em relação ao que ela pode fazer, o que não pode, etc. (P4)*] e **Regras** (4.2.5) [*Então as regras acabam por ser... (P4) É igual ....*].

Por sua vez a categoria - **Perceção acerca do Par Parental** (4.3) - surgiu com o objetivo de descrever a perceção que o participante tem acerca do seu par parental. Desta categoria de segunda ordem surgiram mais duas de terceira ordem: **Representações negativas** (4.3.1) e **Representações positivas** (4.3.2).

Esta categoria de terceira ordem - **Representações negativas** (4.3.1) – descreve representações negativas acerca do par parental e deu origem a mais nove categorias de quarta ordem: **Comportamentos obsessivos** (4.3.1.1) [*Sim, eu consigo ter.... a minha futura ex-mulher, vou rotulá-la assim, é uma pessoa muito...com comportamentos um bocado obsessivos, com uma grande compulsão pela ordem, pela arrumação, pelos horários (P3)], **Gosta de acordar cedo** (4.3.1.2) [*a mãe deles gosta de acordar à hora certa porque considerava que era hora de acordar...eu dou-lhes mais margem. (P3)], **Incoerência na educação** [*Eu ralho logo com ele, e a mãe não, a mãe é: “coitadinho do menino”. (P1)] (4.3.1.3), **Inflexibilidade** (4.3.1.4) [*Havia uma grande inflexibilidade da mãe dos meus filhos de se adaptar a contextos e sugestões novas. (P3)], **Manipulou os meus Filhos** (4.3.1.5) [*separamo-nos num fim de Junho e em Agosto só passei 4 dias com eles porque a minha ex-mulher conseguiu manipular os filhos, e uma certa coação psicológica, mas quer o ano passado quer este ano...(P3)], **Não é um pai/mãe presente** (4.3.1.6) [*mesmo vivendo no algarve não é um pai presente, portanto, não acompanha nada nem da escola, nem da vida deles (P2)], **Não lida bem com a Situação de Divórcio** (4.3.1.7) [*porque ela não está a lidar bem com esta situação, e ganhou-me uma certa aversão, está melhor mas...(P3)], **Passa pouco tempo com o Filho** (4.3.1.8) [*neste caso ela, estar mais tempo com ele, ela passa muito pouco tempo com ele. E eu acho que isso tem muito a ver com a educação. E acho que é só isso, ela passa muito pouco tempo em casa. (P1)] e **Perceção de Parentalidade Vazia** (4.3.1.9) [*a noção de parentalidade por parte do meu ex-marido é um bocadinho vazia...digamos assim...o que não quer dizer que ele não goste deles e não goste de estar com eles....(P2)].*********

A categoria de terceira ordem - **Representações positivas** (4.3.2) – descreve representações positivas acerca do par parental e deu origem a mais uma categoria de quarta ordem: **Valores Comuns** (4.3.2.1) [*Há valores com são comuns, partilhados por ambos. (P3)]*

### **Perceção acerca de Si Próprio (5)**

Esta categoria de primeira ordem surgiu com o objetivo de descrever de que forma os participantes se percebem. Desta categoria surgiram mais duas categorias de segunda ordem: **Flexível** (5.1) [*Não, eu não sou.... Eu sou flexível em relação a isso. Não quer dizer que eu sou laxista mas face ao modelo que eles tinham em casa (P3)] e **Ralho mais do que a Mãe** (5.2) [*Eu já fui mais de ralhar, bater não, mas ralhar já. Ralho mais com ele do que a mãe. (P1)]**

## Práticas Parentais (6)

Esta categoria surgiu com o objetivo de descrever as práticas parentais utilizadas pelos participantes. Desta categoria surgiu apenas mais uma categoria de segunda ordem: **Ausência de castigos (6.1)** [*alias eles costumam dizer...por acaso no outro dia disseram...e eu tive a pensar no assunto e de facto é verdade...eu nunca os castigava...os amigos fazem não sei quê...a mãe tira ou a televisão ... e eu não faço isso. (P2).*]

## Regras (7)

Esta categoria pretende descrever as regras reportadas pelos participantes no momento atual – **Pós-Divórcio (7.1)** -. A categoria de segunda ordem **Pós-Divórcio (7.1)** deu origem a mais oito categorias de terceira ordem: **Acordar a horas (7.1.1)** [*Não há... acordamos a horas para chegarmos a horas aos sítios... de resto não há...(P2)*], **Chegar a casa e fazer os TPC (7.1.2)** [*Sim...por regra eles chegam a casa e fazem os trabalhos de casa (P2)*], **Tomar banho antes de jantar (7.1.3)** [*por regra eles tomam sempre banho e a seguir jantamos, sim (P2)*], **Deitar Cedo (7.1.4)** [*E depois é o deitar cedo nos tempos de escola. Nas férias relaxa mais um bocadinho. São as regras que ela tem. (P4)*], **Educação (7.1.5)** [*A minha regra mais importante, é sempre a mesma e é a questão da educação. E com questões de educação sou intransigente. (P3)*], **Colaborar nas tarefas de casa (7.1.6)** [*Mesmo com a A. gosto que ela vá arrumar o quarto, colabore nas tarefas de casa. (P3)*], **Horários Rígidos (7.1.7)** [*Tanto quanto eu vou percebendo, acho que ela flexibilizou ligeiramente mas no essencial mantêm-se como era antigamente com muito ... muito... com um horário muito pré feito. (P3)*] e **Televisão (7.1.8)** [*o que ela pode ver na televisão, e são regras que nós definimos bem os dois porque ela está naquela idade que ela quer ver certa coisas que nós achamos que não deve ver. (P4)*].

## Representações acerca do Filho (8)

Esta categoria de primeira ordem pretende descrever as representações que os participantes têm acerca dos seus filhos. Posto isto surgiram 26 categorias de segunda ordem que traduzem essas mesmas representações, nomeadamente: **Acha que é sabichona (8.1)**, **Afetivo (8.2)**, **Bem-educado (8.3)**, **Bom Aluno (8.4)**, **Consciência muito afinada (8.5)**,

*Curiosa (8.6), Dificuldade na tomada de decisões (8.7), Expansiva (8.8), Feliz (8.9), Gosta de Agradar (8.10), Infantil (8.11), Inseguro (8.12), Inteligente (8.13), Interioriza sentimentos (8.14), Introverso (8.15), Madura (8.16), Muito Firme (8.17), Não manifesta emoções (8.18), Não têm memória de viver com o pai (8.19), Porta-se mal quando está com a mãe (8.20), Receio de contrariar a mãe (8.21), Resiliência (8.22), Sensível (8.23), Sentido de Humor (8.24), Temperamento muito forte (8.25) e Traquinas (8.26).*

## **Rituais (9)**

Esta categoria de primeira ordem refere-se às descrições feitas pelos participantes acerca dos rituais familiares antes e depois da situação de divórcio, surgindo por isso duas categorias de segunda ordem: **Pós-Divórcio (9.1)** e **Pré-Divórcio (9.2)**.

No que se refere à categoria de segunda ordem **Pós-Divórcio (9.1)**, surgiram mais sete categorias de terceira ordem: **Ausência (9.1.1)** [*Rituais, não tenho muitos, vai depender de fim de semana para fim de semana... Não tenho almoços nem jantares de família... não tenho disso... vai dependendo quando tenho coisas combinadas com amigos e não sei quê. Quando está comigo vai, ou então para casa da minha mãe, neste caso da avó. Mas é só mesmo quando temos coisas combinadas. (P1)*], **Conversar ao Jantar (9.1.2)** [*O único momento com calma e com tranquilidade para falar normalmente é ao jantar. (P2)*], **Fazer sempre sopa (9.1.3)** [*Por exemplo sopa. Eu faço sempre sopa e estou sempre preocupado com a alimentação deles. (P3)*], **Festas de Aniversário (9.1.4)** [*É importante a família estar no dia de anos e cantar os parabéns. (P2)*], **Ir à missa (9.1.5)** [*e agora estou a retomar o irmos à missa também juntos. (P3)*], **Jantar de Família (9.1.6)** [*O momento do jantar. Procuramos estar sempre os quatro juntos para jantar. Esperamos uns pelos outros, se houver algum motivo que um chegue mais tarde. (P4)*] e **Momentos em Família (9.1.6)** [*e depois há uma semana que é passada com a minha família toda e com primos com tios e estamos lá todos juntos. (P2)*].

No que diz respeito à categoria de segunda ordem **Pré-Divórcio (9.2)**, surgiram posteriormente mais três categorias de terceira ordem: **Comer Pizza Domingo à Noite (9.2.1)** [*Sim, o comer pizza ao domingo à noite (P3)*], **Compras Sábado de Manhã (9.2.3)** [*ir ao Pingo Doce sempre ao Sábado de manhã. (P3)*] e **Passeio depois do lanche (9.2.4)** [*ao fim do lanche irmos dar um passeozito (P3)*].

## Tarefas (10)

Esta categoria refere-se a descrições sobre tarefas da família, nomeadamente: **Domésticas (10.1)**, **Profissionais (10.2)**, e de **Relação com a Criança (10.3)**.

No que se refere à categoria de segunda ordem - **Relação com a Criança (10.3)** – esta deu origem a mais dez categorias de terceira ordem que traduzem concretamente as tarefas que são realizadas em relação com a criança: **Ser Transportado (10.3.1)**, **Ver Filmes (10.3.2)**, **Brincar (10.3.3)**, **Ida ao Parque (10.3.4)**, **Trabalhos de Casa (10.3.5)**, **Passear (10.3.6)**, **Jogar um Jogo (10.3.7)**, **Ver Televisão (10.3.8)**, **Dar Banho (10.3.9)** e **Jantar (10.3.10)**.

## Vivência da Parentalidade (11)

Por fim, a última categoria de primeira ordem deste sistema pretende a descrição da vivência da parentalidade numa situação de divórcio. Esta categoria deu origem a mais seis categorias de segunda ordem, nomeadamente: **Preocupação com a Proximidade (11.1)**, **Ótimo (11.2)**, **Desafios (11.3)**, **Gratificações (11.4)**, **Desligamento (11.5)** e **Outras Figuras de Referência (11.6)**.

A categoria de segunda ordem - **Desafios (11.3)** – surgiu com o objetivo de descrever os desafios percebidos PELOS PARTICIPANTES na vivência da parentalidade, surgindo então mais nove categorias de terceira ordem, nomeadamente: **Atenção (11.3.1)** [*Muita responsabilidade. Estar com muita atenção, neste caso, é portanto, é que tendo a idade dele. (P1)*], **Disponibilidade para ouvir (11.3.2)** [*Ter disponibilidade para ouvir...para ouvir, para perceber, e para poder falar com eles. É tudo muito a correr, quer dizer, tudo assim muito no ar, muito rápido... as solicitações da televisão, dos jogos...são muitas não é...(P2)*], **Educar Permanentemente (11.3.3)** [*Muita responsabilidade. Estar sempre a educa-lo. (P1)*], **Evitar Sofrimento com a Situação de Divórcio (11.3.4)** [*O outro grande desafio, resulta da situação em que estou, é reduzir ao máximo possível que eles sofram o mínimo de danos em todo este processo. E isto, evitando falar sobre a mãe à frente deles coisas desagradáveis mas também garantindo a fruição do tempo e do espaço em que estão comigo. (P3)*], **Gestão**

**da Casa (11.3.5)** [Os maiores desafios é a gestão... a gestão da casa que sou eu que tenho de a fazer, basicamente. E garantir.... este é um... é uma posição nova....chego ao fim de semana e á noite bastante cansado, porque não tenho ninguém, há uma senhora que vai uma vez por semana dar uma pequena ajuda mas é pouco (P3)], **Perguntas (11.3.6)** [As perguntas...muitas perguntas, muitos desafios. (P4)], **Preocupação com o desenvolvimento (11.3.7)** [Principalmente na parte da fala. E, estar com atenção aquilo que ele faz, que ele não faz, as brincadeiras que ele faz. Praticamente é isso. (P1)], **Relação entre irmãos (11.3.8)** [É, um faz queixa do outro, outro também faz. Duas meninas se calhar é diferente, mas pegam-se sempre, não é? (P4)] e **Responsabilidade** [Muita responsabilidade. (P1)].

Por fim, a categoria de segunda ordem - **Gratificações (11.4)** – refere-se à descrição de momentos gratificantes na vivência da parentalidade. Esta categoria deu origem a mais sete categorias de terceira ordem, tais como: **Brincadeiras Irmãos (11.4.1)** [quando estão bem os dois a brincar (P4)], **Brincar (11.4.2)** [valorizo mais... praticamente tudo... E parte da brincadeira...coisas que eu não fazia com ele (P1)], **Comunicação (11.4.3)** [No caso da R., ela agora o continuar a comunicar, já está naquela fase, já acha que é crescida e que é sabichona. No fundo, ela distrair-se e contar as coisas à mãe. Para mim isso é uma alegria como mãe. Saber que ela conta comigo. (P4)], **Estar com os Filhos (11.4.4)** [Sim sim...gosto quando eles me fazem companhia (P2)], **Expressão positiva de Afeto (11.4.5)** [Quando eles nos dizem – Adoro-te mãe. O primeiro abraço...o primeiro sorriso. (P4)], **Ser eu próprio (11.4.6)** [Houve um amigo meu ... que me disse que nem tudo era mau e que se calhar com esta separação, eu iria poder mostrar aos meus filhos que certas facetas minhas como pai, na altura em que estava em casa não poderia fazer. E eu sinto muito isso. Posso ser mais espontâneo com eles, ser mais eu próprio, imprimir o ritmo e o estar. Sei que eles apreciam mais e mais vou ao encontro das necessidades deles. (P3)] e **Ver os Filhos Crescer (11.4.7)** [hmm...hmm, não sei, o que é que eu valorizo mais...não sei... eu gosto de estar com eles, eu gosto de os ver crescer, gosto de acompanhar o processo de crescimento deles, mas acho que o resultado final ainda não dá para ver, portanto... (P2)].

Após a apresentação dos resultados obtidos, passamos então à análise dos mesmos resultados respondendo a cada uma das questões de investigação deste mesmo estudo.

### 3.2 Respostas às Questões de Investigação

Partindo dos dados recolhidos e do tratamento dos mesmos, passamos agora às respostas às questões de investigação previamente descritas.

#### ***Como é que os pais experienciam a coparentalidade numa situação de divórcio?***

Após uma situação de divórcio, podemos observar diferenças significativas na forma como a parentalidade é experienciada (Carter & McGoldrick, 2001). Uma das maiores dificuldades por parte do ex-casal é separar a conjugalidade da parentalidade após a situação de divórcio, uma vez que apesar de assistirmos à separação de um casal, o mesmo não se aplica à parentalidade, não deixa de existir um pai e uma mãe (Grybowski, 2007). Tendo isto em conta, interessa-nos perceber de que forma os pais experienciam a coparentalidade após a situação de divórcio.

A fim de dar resposta a esta questão de investigação do presente estudo tivemos em conta a categoria – **Perceção acerca da coparentalidade (4)**. Contudo, de modo a responder concretamente à forma como os pais, em situação de divórcio, experienciam a coparentalidade tivemos apenas em conta as categorias de segunda ordem - **Comunicação (4.1) e Coerência (4.2)**.

Começando pela **Comunicação (4.1)**, podemos ter uma visão sobre esta tendo em conta a **frequência da comunicação (4.1.1)**, o **meio de comunicação (4.1.2)**, a **valorização da comunicação (4.1.3)**, a **perceção de qualidade (4.1.4)** e o **motivo da comunicação (4.1.5)**. Maccoby, Buchanan, Mnooking e Dornbrusch (1993) referem que existem três estilos de coparentalidade distintos baseados na comunicação com o par parental. O primeiro sugerido pelos autores – “cooperativo” – caracteriza-se pela comunicação frequente com o par parental sobre os seus filhos, onde raramente existem discussões e existe um acordo de regras para ambas as casas onde a criança mora. O segundo estilo caracteriza-se pela comunicação frequente mas hostil e normalmente existem discussões. Por fim o terceiro estilo coparental – “desligamento” – que se caracteriza pela ausência de comunicação com o par parental, ainda que as crianças passem o mesmo tempo com um e com outro. Posto isto iremos então analisar os vários fatores referentes à comunicação com o par parental.

Tabela 2: Participantes em relação à frequência de comunicação com o par parental

	1 ou 2 vezes por semana	Inexistência de Contacto	Poucas Vezes	Todos os dias
P1	0	0	2	0
P2	0	1	0	0
P3	1	0	0	0
P4	0	0	0	1

No que diz respeito à **frequência da comunicação** podemos dizer que os participantes têm diferentes perspetivas sobre a mesma, sendo que obtemos quatro respostas diferentes: **Poucas Vezes** [*hmm. Poucas falo poucas vezes com ela. 2, 3 vezes para aí. (P1)*], **Inexistência de contacto** [*Eu com ele? Hmm, não contacto. (P2)*], **Uma ou duas vezes por semana** [*Duas vezes por semana ou uma.... Depende... (P3)*] e por fim **Todos os dias** [*Quase todos os dias, trabalho também com ele por isso quase todos os dias. (P4)*].

Tabela 3: Participantes em relação ao meio de comunicação com o par parental

	Correio Eletrónico	Pessoalmente	SMS	Telefone
P1	0	0	2	0
P2	0	0	1	0
P3	1	0	0	0
P4	0	1	0	1

Apesar da variedade de respostas no que diz respeito à **frequência da comunicação**, quando olhamos para o **meio de comunicação**, percebemos que apenas um dos participantes estabelece contacto **pessoalmente** e pelo **telefone** com o par parental [*Quase todos os dias, trabalho também com ele por isso quase todos os dias. Mas mesmo que não esteja no trabalho pelo telefone, falamos sempre todos os dias. (P4)*] sendo que os restantes comunicam com o seu par parental via **SMS** e **Correio Eletrónico** [*Exatamente, com ela só falo mesmo por mensagem. (P1)*]; *O contacto é sempre feito por correio eletrónico (P3)*].

Interessa-nos perceber também de que forma os pais valorizam a comunicação com o seu par parental, para isso podemos analisar a categoria **valorização da comunicação**. Ao olharmos para as respostas dos participantes conseguimos perceber que todos eles

consideram importante a existência de comunicação acerca de questões relacionadas com a parentalidade com o seu par parental [*Eu acho que é importante, é importante falar sobre a parentalidade (P2)*], no entanto podemos observar no discurso dos participantes relativos ao **motivo da comunicação** que a maioria destes à exceção de um comunica essencialmente com o par parental acerca da **gestão de vida dos filhos e períodos de tempo com o pai e com a mãe** [*Não hoje em dia não, quer dizer...só quando há alterações, quando vai de férias com os avós ou assim, a gente fala sobre isso. A gente tem sempre comunicação sobre isso. (P1); Olha, eles têm uma festa este fim-de-semana e eles estão comigo... podem ir? O P. tem isto ou a A. tem aquilo...ou eu comunico que a A. foi ao centro de saúde ou não sei quê.... Tudo que tem a ver com a gestão...(P3)*] sendo que apenas um participante afirma comunicar com o par parental acerca do **Desenvolvimento da Criança** [*O desenvolvimento da R. Se ela está bem se não está. Como é que ela está. (P4)*].

Por fim, no que diz respeito à **perceção de qualidade** podemos concluir que no geral os pais consideram que **Há muitas coisas a melhorar** no que diz respeito à comunicação com o seu par parental [*Eu acho que ainda há coisas muito a melhorar. (P1)*].

Analisando aquilo que é a preocupação com a **Coerência (4.2)** podemos analisar esta categoria olhando para aquilo que são as categorias de terceira ordem, nomeadamente: **ausência (4.2.1)**, **castigos (4.2.2)**, **educação (4.2.3)**, **escola (4.2.4)** e **regras (4.2.5)**. Após uma situação de divórcio nem sempre os pais comunicam acerca da melhor forma de gestão da vida dos seus filhos, no entanto, idealmente deveria haver comunicação entre ambos no sentido de a criança passar a maior parte do tempo possível com ambos, combinando em que situações os filhos deverão ser acompanhados pelos dois (e.g. situação de doença, festas de aniversário, etc.) (Sousa, 2012).

Relativamente à comunicação de estratégias entre ambos os pais, podemos observar no discurso dos pais a **ausência (4.2.1)** de **coerência** [*Nada, não há nenhuma estratégia comum, não há comunicação. Há troca de informação. (P3)*] e ainda a existência de **coerência** relativamente a **castigos (4.2.2)** [*Em termos de castigos, pronto, para ela perceber que não...o facto de ir para o pai não quebra o que tem aqui ... (P4)*], **educação (4.2.3)** [*Quer dizer, normalmente a gente fala sobre isso. O que é que ele faz, o que é que não faz, as reações dele. O que é que ele tem feito. Hmmm, a gente tenta agir principalmente por causa da educação dele. Para comigo não estar a levar uma educação e com ela estar a levar outra. (P1)*], **escola (4.2.4)** [*Sim. Quando há algum tipo de problema com a R., por exemplo, quando ela baixa um bocadinho as notas, nós arranjamos uma estratégia para estarmos os dois em conjunto em relação ao que ela pode fazer, o que não pode, etc. (P4)*] e **regras (4.2.5)** [*Então as regras acabam por ser... (I) É igual ....(P4)*].

Tabela 4: Participantes em relação à coerência na comunicação

	Ausência	Castigos	Educação	Escola	Regras
<b>P1</b>	0	0	2	0	0
<b>P2</b>	0	0	0	0	0
<b>P3</b>	1	0	0	0	0
<b>P4</b>	0	2	0	1	1

Analisando a *tabela 4* podemos afirmar que apenas dois dos participantes afirmam a existência de coerência na comunicação com o par parental, sendo que a maior parte do discurso acerca da mesma surge do participante número quatro que refere três situações distintas de coerência.

Podemos então concluir que a maioria dos nossos participantes não comunica frequentemente com o par parental, no entanto o discurso dos participantes também não remete para situações de hostilidade para com o par parental, sendo que um dos nossos participantes, mãe de dois filhos, divorciada há sete anos e recasada refere no seu discurso a comunicação frequente com o seu par parental, demonstrando coerência no que diz respeito às estratégias definidas com o mesmo. Posto isto, é possível afirmar que relativamente aos participantes deste estudo e segundo a teoria de Maccoby, Buchanan, Mnooking e Dornbrusch (1993), encontramos dois estilos coparentais na experiência da coparentalidade dos nossos participantes: “cooperativo” que se caracteriza pela comunicação frequente acerca dos filhos e um segundo – “desligamento” - caracterizado pela ausência de comunicação relativamente a estratégias na educação dos filhos.

#### ***De que forma os indivíduos percecionam a relação coparental?***

A fim de dar resposta a esta questão recorreremos novamente à categoria de primeira ordem – **Perceção acerca da coparentalidade (4)** -. No entanto iremos apenas analisar o discurso dos participantes no que diz respeito à **Perceção acerca do par parental (4.3)**. Como resposta a esta questão interessa-nos perceber as **Representações Negativas (4.3.1)** e as **Representações Positivas (4.3.2)** que os participantes tem relativamente ao seu par parental. Podemos perceber que os participantes no seu discurso indicaram nove **Representações Negativas** acerca do seu par parental e apenas uma **Representação Positiva** no que diz respeito à sua perceção acerca do seu par parental.

Tipicamente numa situação de divórcio presenciamos conflitos e questões emocionais que não foram bem resolvidas, sendo que estas poderão dar origem a representações negativas do ex-cônjuge (e.g. desilusão, raiva e sentimentos de vingança) (Sousa, 2012). No entanto podemos também presenciar situações favoráveis e adaptativas nas quais o ex-casal define bem os novos papéis e não existem representações negativas associadas ao ex-companheiro (Sousa, 2010).

Tabela 5: Representações acerca do par parental

	P1	P2	P3	P4
<b>Representações Negativas</b>				
Comportamento obsessivos	0	0	1	0
Gosta de acordar cedo	0	0	1	0
Incoerência na educação	2	0	0	0
Inflexibilidade	0	0	2	0
Manipulou os meus filhos	0	0	1	0
Não é um pai_mãe presente	0	1	0	0
Não lida bem com a situação de divórcio	0	0	1	0
Passa pouco tempo com o filho	2	0	0	0
Perceção de parentalidade vazia	0	1	0	0
<b>Representações Positivas</b>				
Valores Comuns	0	0	1	0

No que diz respeito às **Representações Negativas** os participantes indicaram que o seu par parental apresenta **Comportamentos Obsessivos** [*é uma pessoa muito...com comportamentos um bocado obsessivos, com uma grande compulsão pela ordem, pela arrumação, pelos horários...(P3)*], **Gosta de acordar cedo** [*a mãe deles gosta de acordar à hora certa porque considerava que era hora de acordar...eu dou-lhes mais margem. (P3)*], apresenta também alguma **Incoerência na Educação** [*Neste momento acho que ela lhe está a dar uma educação diferente daquela que eu estou a dar em casa. Ahm...(P1)*], afirmam ainda que o par parental se caracteriza por alguma **Inflexibilidade** [*Havia uma grande inflexibilidade da mãe dos meus filhos de se adaptar a contextos e sugestões novas.(P3)*], um dos participantes afirmou ainda que o seu par parental: **Manipulou os meus filhos** [*separamonos num fim de Junho e em Agosto só passei 4 dias com eles porque a minha ex-mulher conseguiu manipular os filhos, e uma certa coação psicológica, mas quer o ano passado quer este ano...(P3)*], ainda podemos observar a afirmação de que o par parental **Não é um pai/mãe presente** [*E não é um pai, mesmo vivendo no Algarve não é um pai presente,*

*portanto, não acompanha nada nem da escola, nem da vida deles (P2)], outros pais afirmam ainda que o par parental Não lida bem com a situação de divórcio [porque ela não está a lidar bem com esta situação, e ganhou-me uma certa aversão, está melhor mas...(P3), que o par parental tem uma Perceção de parentalidade vazia [a noção de parentalidade por parte do meu ex-marido é um bocadinho vazia...digamos assim...o que não quer dizer que ele não goste deles e não goste de estar com eles...(P2)] e ainda que o par parental Passa pouco tempo com o filho [neste caso ela, estar mais tempo com ele, ela passa muito pouco tempo com ele. E eu acho que isso tem muito a ver com a educação. (P1)].*

Relativamente às **Representações Positivas** encontramos apenas uma referência num discurso de um dos participantes que diz respeito aos Valores Comuns [Há valores com são comuns, partilhados por ambos.].

Podemos então concluir que pelo discurso dos nossos participantes estes percecionam a relação coparental com recurso a representações acerca do par parental mais negativas do que positivas. Sabemos que o divórcio se constitui como um momento de perda que se traduz em alterações na estrutura e identidade familiar (Sousa, 2012). Este momento de perda está muitas vezes associado a emoções negativas relativamente ao ex-companheiro e consequentemente representações negativas do mesmo (Sousa, 2012). O mesmo podemos observar no discurso dos participantes deste estudo. Observamos que os participantes marcam o seu discurso por representações negativas acerca do seu par parental.

No que diz respeito às **representações negativas** acerca do par parental, podemos concluir ainda que o participante que apresenta um discurso pautado por mais representações negativas é o mesmo que refere **ausência de coerência** na sua comunicação com o seu par parental [Nada, não há nenhuma estratégia comum, não há comunicação. Há troca de informação. (P3)].

### ***Como é que os pais numa situação de pós-divórcio, gerem as regras e rotinas e dos seus filhos?***

Numa situação de divórcio o facto de os filhos coabitarem com apenas um dos pais, o que acontece com todos os participantes deste estudo, tem como consequência que esse mesmo pai/mãe tenha mais práticas educativas individuais do que aquele que não reside na mesma casa por terem um envolvimento parental mais direto naquilo que são as tarefas diárias envolventes (Grybowski & Wagner, 2010).

A fim de dar resposta a esta questão analisamos as **Regras (7)**, **Momentos da Rotina Diária (3)** e ainda **Tarefas (10)** em relação com os **Intervenientes (2)**.

Antes de iniciarmos a resposta à questão de investigação é importante referir que apesar dos participantes serem 50% pais e 50% mães, todas as crianças estão atualmente a viver a maior parte do seu tempo com a mãe.

Iniciando pelas **Regras** numa situação **Pós-Situação de Divórcio (7.1)** podemos identificar as seguintes regras pelo discurso dos participantes: **Acordar a horas** [*acordamos a horas para chegarmos a horas aos sítios... de resto não há...(P2)*], **Chegar a casa e fazer os TPC** [*por regra eles chegam a casa e fazem os trabalhos de casa. (P2)*], **Tomar banho antes de jantar** [*por regra eles tomam sempre banho e a seguir jantamos, sim. (P2)*], **Educação** [*A minha regra mais importante, é sempre a mesma e é a questão da educação. E com questões de educação sou intransigente. (P3)*], **Colaborar nas tarefas de casa** [*Mesmo com a A. gosto que ela vá arrumar o quarto, colabore nas tarefas de casa. (P3)*], **Horários Rígidos** [*mas no essencial mantêm-se como era antigamente com muito ... muito... com um horário muito pré feito. (P3)*], **Televisão** [*o que ela pode ver na televisão, e são regras que nós definimos bem os dois porque ela está naquela idade que ela quer ver certa coisas que nós achamos que não deve ver. (P4)*] e **Deitar cedo** [*E depois é o deitar cedo nos tempos de escola. Nas férias relaxa mais um bocadinho. São as regras que ela tem. (P4)*].

Tabela 6: Participantes em relação com as regras das crianças

	P1	P2	P3	P4
<b>Acordar a horas</b>	0	1	0	0
<b>Chegar a casa e fazer TPC</b>	0	1	0	0
<b>Colaborar nas Tarefas Casa</b>	0	0	1	0
<b>Deitar Cedo</b>	0	1	0	2
<b>Educação</b>	0	0	1	0
<b>Horários rígidos</b>	0	0	1	0
<b>Televisão</b>	0	0	0	1
<b>Tomar banho antes de jantar</b>	0	1	0	0
	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>

Analisando a *Tabela 6* podemos perceber que as mães, com quem as crianças atualmente residem, tem uma presença mais forte do que os pais no que diz respeito às regras das crianças. É de referir que apesar do *Participante 3* ser pai e ter referência a três regras,

uma das regras referidas pelo mesmo diz respeito a uma regra que a mãe tem para com os seus filhos.

Tabela 7: Intervenientes em relação aos momentos da rotina diárias

	<b>Criança</b>	<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>
<b>Acordar</b>	8	6	2
<b>Almoço</b>	3	2	1
<b>Atividades Extracurriculares</b>	1	1	0
<b>Deitar</b>	1	0	1
<b>Ida para a escola</b>	2	2	0
<b>Jantar</b>	3	3	0
<b>Manhã</b>	1	0	1
<b>Pequeno-almoço</b>	4	3	1

Fazendo uma análise daquilo que são os **Momentos da Rotina Diária** das crianças, podemos identificar vários momentos, entre eles: **Acordar** [*Quando estou com eles, por exemplo ao fim de semana, normalmente levantamo-nos mais tarde, eles gostam de ficar a dormir até tarde (P3)*], **Pequeno-Almoço** [*depois preparo-lhes o pequeno-almoço (P3)*], **Ida para a Escola** [*arranjam-se para ir para a escola. Eu levo-os à escola, hmmm (P2)*], **Manhã** [*tive muito tempo com ele...foi hoje de manhã foi só de manhã. (P1)*], **Almoço** [*e depois encontramos-nos à hora de almoço em casa dos meus pais, almoçamos lá. Hm (P2)*], **Atividades Extracurriculares** [*depois eles têm futebol ou têm sala de estudo ou têm atividades (P2)*], **Jantar** [*a parte do jantar. Eles querem sempre ajudar. (P4)*] e **Deitar** [*Por exemplo, sexta-feira adormecem às 11h 11 e meia (P3)*].

Analisando a *Tabela 7* percebemos uma vez mais que as mães têm mais presença nos momentos da rotina da criança em relação aos pais.

Por fim, fazendo uma análise daquilo que são as **Tarefas** da família podemos encontrar no discurso dos participantes as seguintes: **Domésticas, Profissionais e de Relação com a Criança**, sendo que para esta questão de investigação interessa-nos apenas analisar as **Tarefas de Relação com a Criança**.

Tabela 8: Intervenientes em relação com as tarefas.

	Criança	Mãe	Pai
Brincar	2	0	2
Dar Banho	1	1	0
Ida ao parque	1	0	0
Jantar	3	3	0
Jogar um Jogo	1	1	0
Passear	1	1	0
Ser transportado	5	3	2
Trabalhos de Casa	2	2	0
Ver filmes	2	1	1
Ver Televisão	1	1	0

Analisando a *Tabela 8* podemos uma vez mais perceber que as mães têm uma presença mais do que os pais. É importante referir que as tarefas que não apresentam qualquer interveniente tem a ver com o facto de serem outros intervenientes na vida da criança a estarem presentes que não o pai ou a mãe.

Refletindo acerca destes resultados, percebemos que tanto nas **Regras** como nas **Momentos da Rotina Diária** e também nas **Tarefas** as mães assumem uma presença mais forte. Isto poderá estar relacionado com o facto de as crianças viveram todas com as mães como já referido acima.

### ***Quais os rituais familiares existentes após uma situação de divórcio?***

Os rituais constituem-se como um elemento fundamental para a construção de relações mais próximas e contribuem para a socialização da criança (Fiese & Parke, 2002). Os rituais são uma forma simbólica de comunicação que, devido à experiência de satisfação que trás aos membros da família acaba por ser repetida e permanece de forma sistemática (Wolin & Bennett, 1984).

Com o objetivo de responder a esta questão de investigação recorreremos à categoria **Rituais (9)** e conseqüentemente às categorias de segunda ordem **Pós-Situação de Divórcio (9.1)** e **Pré-Situação de Divórcio (9.2)**.

No que diz respeito à categoria **Pós-Situação de Divórcio** podemos identificar no discurso dos participantes os seguintes rituais: **Ausência** [*Rituais, não tenho muitos, vai depender de fim de semana para fim de semana... Não tenho almoços nem jantares de família...não tenho disso...vai dependendo quando tenho coisas combinadas com amigos e*

*não sei quê. Quando está comigo vai, ou então para casa da minha mãe, neste caso da avó. Mas é só mesmo quando temos coisas combinadas. (P1), **Conversar ao Jantar** [Sim, ao jantar, é o único momento mais tranquilo que há... Sim sim, são os momentos em que se apanha tudo...(P2)], **Fazer sempre sopa** [Por exemplo sopa. Eu faço sempre sopa e estou sempre preocupado com a alimentação deles. (P3)], **Festas de Aniversário** [É importante a família estar no dia de anos e cantar os parabéns. (P2)], **Ir à Missa** [e agora estou a retomar o irmos à missa também juntos. (P3)], **Jantar de Família** [O momento do jantar. Procuramos estar sempre os quatro juntos para jantar. Esperamos uns pelos outros, se houver algum motivo que um chegue mais tarde.(P4)] e **Momentos em Família** [O resto das refeições em conjunto, fazemos programas em conjunto (P3)].*

Por outro lado, quando analisamos os rituais ***Pré-Situação de Divórcio*** percebemos que estes são diferentes e já não fazem parte dos rituais da família como por exemplo: **Comer pizza domingo à noite** [Sim, o comer pizza ao domingo à noite (P3)], **Compras Sábado de Manhã** [ir ao Pingo Doce sempre ao Sábado de manhã. (P3)] e ainda **Passeio depois do lanche** [ao fim do lanche irmos dar um passeiozito].

De facto, após uma situação de divórcio existe uma perda na união e tradições familiares (Pett, Lang & Gander, 1992), talvez por isso os participantes indiquem no seu discurso rituais familiares que existiam antes da situação de divórcio que já não existem atualmente após uma situação de divórcio. No entanto podemos perceber que apesar de se terem perdido rituais familiares, foram construídos novos rituais tendo em conta a nova organização da família.

### ***Quais são as gratificações sentidas na vivência da parentalidade em situação de divórcio?***

A fim de dar resposta a esta questão de investigação recorreu-se à leitura da categoria **Vivência da Parentalidade**, mais concretamente à categoria de segunda ordem **Gratificações**.

Da categoria de segunda ordem **Gratificações** podemos perceber quais as gratificações relacionadas com a vivência da parentalidade percebidas pelos participantes, nomeadamente: **Brincadeiras Irmãos** [quando estão bem os dois a brincar (P4)], **Brincar** [valorizo mais... praticamente tudo... E parte da brincadeira...coisas que eu não fazia com ele (P1)], **Comunicação** [No caso da R., ela agora o continuar a comunicar, já está naquela fase, já acha que é crescida e que é sabichona. No fundo, ela distrair-se e contar as coisas à mãe. Para mim isso é uma alegria como mãe. Saber que ela conta comigo. (P4)], **Estar com os Filhos** [Sim sim...gosto quando eles me fazem companhia (P2)], **Expressão**

**positiva de Afeto** [Quando eles nos dizem – Adoro-te mãe. O primeiro abraço...o primeiro sorriso. (P4)], **Ser eu próprio** [Houve um amigo meu ... que me disse que nem tudo era mau e que se calhar com esta separação, eu iria poder mostrar aos meus filhos que certas facetas minhas como pai, na altura em que estava em casa não poderia fazer. E eu sinto muito isso. Posso ser mais espontâneo com eles, ser mais eu próprio, imprimir o ritmo e o estar. Sei que eles apreciam mais e mais vou ao encontro das necessidades deles. (P3)] e **Ver os Filhos Crescer** [hmm...hmm, não sei, o que é que eu valorizo mais...não sei... eu gosto de estar com eles, eu gosto de os ver crescer, gosto de acompanhar o processo de crescimento deles, mas acho que o resultado final ainda não dá para ver, portanto... (P2)].

Tabela 9: Participantes em relação às gratificações na vivência da parentalidade.

	P1	P2	P3	P4
<b>Brincadeiras irmãos</b>	0	1	0	0
<b>Brincar</b>	2	0	0	0
<b>Comunicação</b>	0	0	0	1
<b>Estar com os filhos</b>	0	2	2	1
<b>Expressão positiva de afetos</b>	2	0	0	1
<b>Ser eu próprio</b>	0	0	1	0
<b>Ver os filhos crescer</b>	0	1	0	0

Analisando a *Tabela 9* podemos observar que os pais referiram mais vezes como gratificação **Estar com os Filhos**, sendo esta consensual entre os três participantes referindo uma ou mais vezes que estar com os filhos seria gratificante. Apesar do *Participante 1* não ter referido que estar com o filho seria gratificante, podemos observar no seu discurso, e recorrendo à categoria de segunda ordem ***Preocupação com a Proximidade***, uma constante referência à importância dada à proximidade com o filho [Exatamente. Antes estava todos os dias com ele, e agora não... é estar com mais atenção a ele, como a separação é recente...(P1)].

### **Quais são os desafios sentidos na vivência da parentalidade em situação de divórcio?**

Quando nos referimos a parentalidade, referimo-nos a um conceito relativamente recente que reflete todo um processo de construção da interação pais e filhos (Zornig, 2010). Este processo tem vindo a ser descrito como a mais complexa tarefa da vida adulta (Bormstein, 1995) precisamente porque vai sofrendo alterações e vão surgindo novos

desafios ao longo de todo o desenvolvimento da criança e do próprio desenvolvimento parental (Edwards & Liu, 2002; Collins, Madsen & Stillman, 2002).

Procurando responder à última questão de investigação, recorreu-se à análise da categoria de segunda ordem **Desafios** pertencente à categoria de primeira ordem **Vivência da Parentalidade**.

No que diz respeito à categoria de segunda ordem **Desafios** podemos observar que os pais indicam como desafios na sua vivência da parentalidade os seguintes: **Atenção** [*Muita responsabilidade. Estar com muita atenção, neste caso, é portanto, é que tendo a idade dele. (P1)*], **Disponibilidade para ouvir** [*Ter disponibilidade para ouvir...para ouvir, para perceber, e para poder falar com eles. É tudo muito a correr, quer dizer, tudo assim muito no ar, muito rápido... as solicitações da televisão, dos jogos...são muitas não é...(P2)*], **Educar Permanentemente** [*Muita responsabilidade. Estar sempre a educa-lo. (P1)*], **Evitar Sofrimento com a Situação de Divórcio** [*O outro grande desafio, resulta da situação em que estou, é reduzir ao máximo possível que eles sofram o mínimo de danos em todo este processo. E isto, evitando falar sobre a mãe à frente deles coisas desagradáveis mas também garantindo a fruição do tempo e do espaço em que estão comigo. (P3)*], **Gestão da Casa** [*Os maiores desafios é a gestão... a gestão da casa que sou eu que tenho de a fazer, basicamente. E garantir.... este é um... é uma posição nova....chego ao fim de semana e á noite bastante cansado, porque não tenho ninguém, há uma senhora que vai uma vez por semana dar uma pequena ajuda mas é pouco (P3)*], **Perguntas** [*As perguntas...muitas perguntas, muitos desafios. (P4)*], **Preocupação com o desenvolvimento** [*Principalmente na parte da fala. E, estar com atenção aquilo que ele faz, que ele não faz, as brincadeiras que ele faz. Praticamente é isso. (P1)*], **Relação entre irmãos** [*É, um faz queixa do outro, outro também faz. Duas meninas se calhar é diferente, mas pegam-se sempre, não é? (P4)*] e **Responsabilidade** [*Muita responsabilidade. (P1)*].

Tabela 10: Participantes em relação aos desafios sentidos na vivência da parentalidade.

	P1	P2	P3	P4
<b>Atenção</b>	1	0	0	0
<b>Disponibilidade para ouvir</b>	0	1	0	0
<b>Educar permanentemente</b>	1	0	0	0
<b>Evitar Sofrimento com Situação de Divórcio</b>	0	0	1	0
<b>Gestão da Casa</b>	0	0	1	0
<b>Perguntas</b>	0	0	0	1
<b>Preocupação com o desenvolvimento</b>	1	0	0	0
<b>Relação entre irmãos</b>	0	0	0	2
<b>Responsabilidade</b>	1	0	0	0

Analisando a *Tabela 10* podemos observar que apesar de anteriormente termos visto que as mães estão mais presentes nas regras, rotinas e tarefas dos seus filhos, são os pais que fazem maior referência a desafios sentidos na parentalidade.

Sabemos que ao longo do ciclo vital da família são variados os desafios encontrados na vivência da parentalidade (Relvas, 1996). As “famílias com filhos pequenos” como referido por Relvas (1996) enfrentam desafios relacionados com a reorganização familiar e a definição de papéis parentais e uma abertura maior ao exterior da família. No entanto, segundo a mesma autora, as “famílias com filhos na escola” enfrentam desafios relacionados com a competência relacional da criança e o seu desempenho escolar. Exemplo do referido é a mãe *Participante 4* que apesar de não referir as tarefas escolares como um desafio, refere que esse é um dos motivos de comunicação com o pai da filha [*Sim. Quando há algum tipo de problema com a R.I, por exemplo, quando ela baixa um bocadinho aas notas, nós arranjamos uma estratégia para estarmos os dois em conjunto em relação ao que ela pode fazer, o que não pode, etc. (P4)*].



## CAPÍTULO 4: CONCLUSÃO

Este último capítulo visa a síntese das principais conclusões retiradas com base nos resultados obtidos no presente estudo. No presente capítulo pretende-se ainda a reflexão acerca das limitações do presente estudo bem como a obtenção de pistas para investigações futuras.

Iniciando por aquele que é o objetivo central deste estudo – compreender a vivência da parentalidade em situação de divórcio – pode então concluir-se que este remete para dois tópicos principais: i. experiência da coparentalidade e ii. percepção acerca da relação coparental.

No que diz respeito à experiência da coparentalidade numa situação de divórcio pode concluir-se que os pais apesar de encontrarem vantagens na comunicação acerca da parentalidade não chegam de facto a concretizá-la com o seu par parental, para além de o contacto pessoal com o seu ex-cônjuge ser inexistente, privilegiando meios de comunicação como a mensagem escrita e o correio eletrónico. Contudo, ainda que seja apenas uma mãe a referenciá-lo, podemos constatar no seu discurso uma experiência totalmente oposta, havendo contacto pessoal com o seu par parental e sendo privilegiado nesse contacto a comunicação acerca da sua filha, do seu comportamento e preocupação com o seu desenvolvimento.

No que diz respeito à percepção acerca da relação coparental concluiu-se que os pais apresentam no seu discurso representações mais negativas acerca do seu par parental do que representações positivas e que muitas dessas representações negativas são relativas ao papel parental do seu ex-cônjuge.

Foi também importante, tendo em conta os objetivos do estudo, obter conclusões relativamente às regras, rotinas e rituais das crianças. No que diz respeito às rotinas e regras das crianças em idade pré-escolar e escolar concluiu-se que apesar de pais e mães descreverem situações relacionadas com as regras e as rotinas dos seus filhos, as mães, em ambos os casos, estão mais presentes no que diz respeito à construção e implementação de regras no dia-a-dia dos seus filhos e ainda são as mães que marcam mais presença no que diz respeito às tarefas e rotinas diárias dos seus filhos. Será importante referir que todas as crianças vivem atualmente com a mãe e talvez por essa razão encontramos uma presença maior por parte das mães do que os pais.

Relativamente aos rituais familiares, concluiu-se que os rituais existentes antes da situação de divórcio desapareceram aquando a situação de divórcio, havendo então uma perda naquilo que são algumas tradições familiares. No entanto com a nova reorganização familiar, pós-situação de divórcio, os pais e mães construíram novos rituais com os seus filhos ou readaptaram rituais existentes antes da situação de divórcio (e.g antes da situação de divórcio existiam jantares com toda a família ao sábado, sendo que depois da situação de divórcio os jantares apenas se realizam com a família da mãe ou do pai).

Por fim, um último objetivo deste estudo seria compreender as gratificações e os desafios associados à parentalidade numa situação de divórcio. No que diz respeito às gratificações, concluiu-se que os pais se sentem essencialmente gratificados pela presença dos filhos, pelo momento em que podem estar com eles e ainda pela expressão positiva de afeto das crianças.

No que diz respeito aos desafios encontrados na vivência da parentalidade numa situação de divórcio, concluiu-se que apesar das mães estarem mais presentes nas tarefas, regras e rotinas diárias dos seus filhos, são os pais que referem mais desafios encontrados na sua vivência da parentalidade (e.g. educar permanentemente, evitar sofrimento com a situação de divórcio e preocupação com o desenvolvimento.)

Apesar das conclusões retiradas no decorrer deste estudo será pertinente refletir acerca das limitações do mesmo. O presente estudo foi apenas possível de se realizar com recurso a quatro entrevistas. Talvez por este ser um tema sensível e muito pessoal/íntimo, os participantes planeados inicialmente acabaram por não colaborar no estudo, sendo que o número de entrevistas não nos permite atingir saturação teórica.

Podemos ainda referir, que pelo facto de as perguntas se referirem a aspetos muito íntimos da vida dos indivíduos poderia ter surgido a questão da deseabilidade social, no entanto sentimos que essa questão não foi um impedimento para obtermos as respostas pretendidas por parte dos participantes.

Apesar das limitações encontradas, podemos dizer que o objetivo central de compreender a vivência da coparentalidade em situação de divórcio foi cumprido, sendo que foi possível obter respostas por parte dos participantes no sentido de compreender a sua vivência, especialmente na sua vivência enquanto pais e mães numa situação de divórcio.

Por fim, será importante refletir que os estudos acerca da coparentalidade em situação de divórcio com filhos pequenos são ainda escassos em Portugal, tornando-se fundamental que se realizem estudos visando principalmente a vivência dos pais e mães em situação de divórcio. Será ainda importante refletir acerca de uma intervenção parental no pós-divórcio a fim de melhorar as práticas coparentais para que seja possível aumentar a qualidade destas mesmas práticas.

## Referencias Bibliográficas:

- Abidin, R., & Santos, S. (2003). *Manual PSI - Índice de Stress Parental*. Lisboa: Cegoc
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 143-154.
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of marriage and family*, 62(4), 1269-1287.
- Camarano, A. A. (2006). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Económica Aplicada.
- Bardin, L. (2010). *A análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boni, V. & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 68-80.
- Collins, W., Madsen, S. & Stillman A. (2002) Parenting During Middle Childhood. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, (2 eds). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers
- Creswell, J. W. (2012). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Sage publications.
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Porto: LivPsic
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica: o processo de comunicação no sistema familiar. *Revista de Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Edwards, C. & Liu, W. (2002) Parenting Toddlers. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, (2 eds). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers
- Elsen, I. (2002). Cuidado familiar: uma proposta inicial de sistematização conceitual. *O viver em família e sua interface com a saúde e a doença*, 11-24.
- Eusébio, M. J. (2014). *Desafios a Pensar na Família*. Lisboa: Universidade Católica Editora
- Feinberg, M. E. (2003). The Internal Structure and Ecological Context of Coparenting: A Framework for Research and Intervention. *Parenting: Science & Practice*, 3(2), 95.
- Fiese, B. H., Foley, K. P., & Spagnola, M. (2006). Routine and ritual elements in family mealtimes: Contexts for child well-being and family identity. *New Directions For Child & Adolescent Development*, 67-89. doi:10.1002
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa: Coleção Pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.

- Fleck, A. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 31-38.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152.
- Frizzo, G., Kreutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C. & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15, 84-94.
- Grzybowski, L. S. (2007). *Parentalidade em tempo de mudanças: desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento*. Faculdade de Psicologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77-87.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22(2), 201-210.
- Hetherington, E. M. (2006). The Influence of Conflict, Marital Problem Solving and Parenting on Children's Adjustment in Nondivorced, Divorced, and Remarried Families. In: A. Clarke-Stewart & J. Dunn (Eds.), *Families count: Effects on Child and Adolescent Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 203-237.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
- Lamela, D., Castro, M., & Figueiredo, B. (2013). Medida da aliança parental: validação portuguesa e construção de uma versão reduzida. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40(6), 215-219.
- Lima, J., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no cotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 29(4), 567-578.
- Nielsen, L. (2011). Shared Parenting After Divorce: A Review of Shared Residential Parenting Research. *Journal Of Divorce & Remarriage*, 52(8), 586-609. doi:10.1080/10502556.2011.619913
- Simionato, M. A. W., & Oliveira, R. G. (2003). Funções e transformações da família ao longo da história. *I Encontro Paranaense de Psicólogos do Maringá*: Maringá, 12-14 de Novembro
- Spagnola, M., & Fiese, B. H. (2007). Family Routines and Rituals: A Context for Development in the Lives of Young Children. *Infants & Young Children: An Interdisciplinary Journal Of Special Care Practices*, 20(4), 284-299.

- Maccoby, E. E. (1980). *Social development: Psychological growth and the parent-child relationship*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Maccoby, E. E., Buchanan, C. M., Mnookin, R. H., & Dornbusch, S. M. (1993). Postdivorce roles of mothers and fathers in the lives of their children. *Journal Of Family Psychology*, 7(1), 24-38. doi:10.1037/0893-3200.7.1.24
- Mcgoldrick, M., & Carter, B. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Nazareth, E. R. (2004). Família e divórcio. *Família e divórcio*, 25-37.
- Pett, M. A., Lang, N., & Gander, A. (1992). Late-Life Divorce Its Impact on Family Rituals. *Journal of Family Issues*, 13(4), 526-552.
- Putman, S., Sanson, A. & Rothbart, M. (2002) Child Temperament and Parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, (2 eds.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers
- Relvas, A.P. (1996). *O Ciclo Vital da Família – Perspetiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Smith, J. A., Harré, R., & Van Langenhove, L. (Eds.). (1995). *Rethinking methods in psychology*. London: Sage.
- Sousa, A. B. (2012). *Problemas da Família e da Criança*. Coimbra: Almedina
- Sousa, A. M. (2010). *Síndrome da alienação parental: análise de um tema em evidência*. São Paulo: Cortez
- Stake, R. E. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sullerot, E. (1993). *Que Pais? Que Filhos?*. Lisboa: Relógio d'Água
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Weisner, T. S., & Fiese, B. H. (2011). Introduction to special section of the Journal of Family Psychology, advances in mixed methods in family psychology: Integrative and applied solutions for family science. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 795-798. doi:10.1037/a0026203
- Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family process*, 23(3), 401-420.

**ANEXOS**



## Anexo 1: Guião de Entrevista Semiestruturado

### Guião de Entrevista Semiestruturado |2014

#### ***Coparentalidade em Situação de Divórcio: Regras, Rituais e Rotinas de Crianças em Idade Escolar e Pré-Escolar***

Dimensões	Tópicos	Questões da Investigadora
<b>Dados Sociodemográficos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Data de Nascimento</li><li>• Agregado Familiar</li><li>• Estado Civil</li><li>• Duração Situação de Divórcio</li><li>• Número de Filhos</li><li>• Idades dos Filhos</li><li>• Profissão</li></ul>	<p><b><i>Para começarmos esta entrevista, gostaria de lhe perguntar alguns dados pessoais que são importantes para o decorrer da entrevista e da própria investigação, pode ser?</i></b></p> <p><i>Qual a sua data de nascimento? Com quem vive atualmente? Qual o seu estado civil? Há quanto tempo está divorciado/a? Quantos filhos tem? Quais as idades? Qual a sua profissão?</i></p>
	<b>Vivência da Parentalidade numa Situação de Divórcio</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Principais dificuldades/desafios</li><li>• Principais gratificações</li></ul>
<b>Relação Coparental</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Comunicação relativa aos filhos</li><li>• Cooperação</li><li>• Comprometimento</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Na última semana quantas vezes contactou com o pai/mãe do seu filho?</li><li>• Como estabelecem esse contacto? <i>(Telefone, Pessoalmente...)</i></li><li>• Pensando na relação que tem com o pai/mãe do seu filho, quais as estratégias que adotam em conjunto? <i>Dê me um exemplo.</i></li><li>• Quais as vantagens que encontra na comunicação com o pai/mãe do seu filho? O que mais valoriza nesse contacto?</li><li>• Como é que são partilhados os momentos com o seu filho quando este encontra em férias escolares?</li></ul>

---

***Agora gostaria de lhe colocar algumas questões relativamente às regras, rotinas e rituais do seu filho... (dar breve explicação acerca do que é pretendido em cada um dos três tópicos)***

**Regras, Rotinas  
e Rituais**

- Regras
- Rotinas
- Rituais

- Que regras, rotinas e rituais identifica na relação com os seus filhos atualmente? *Dê-me alguns exemplos.* E antes do divórcio?
  - Estas regras/rotinas/rituais são as mesmas com o pai/mãe? Consegue identificar-me algumas diferenças/semelhanças?
  - Considera importante que estas regras, rotinas e rituais sejam geridas em conjunto?
-

## Anexo 2: Consentimento Informado

### Consentimento Informado

A presente investigação “Coparentalidade em Situação de Divórcio: Regras, Rotinas e Rituais de Crianças em Idade Escolar e Pré-Escolar”, insere-se na linha de investigação de Parentalidade no Divórcio da Universidade Católica do Porto, Foz e tem como principal objetivo a compreensão da perceção dos indivíduos em situação de divórcio relativamente à sua vivência diária enquanto pais.

Toda a informação recolhida é confidencial e não será revelada a terceiros. A participação no presente estudo não constitui nenhum risco nem terá custos para o participante.

A participação é voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento por vontade do participante.

Em caso de alguma dúvida relativamente ao processo, poderá entrar em contacto com a investigadora:

*Inês de Carvalho Leitão*

**Correio eletrónico:** [inescarvalholeitao@gmail.com](mailto:inescarvalholeitao@gmail.com)

**Contacto Tlf:** 910092260

Declaro que aceito participar nesta investigação,

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_